

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ALEXSANDRO ROSA SOARES**

**DIÁRIO DE BITITA:
O TESTEMUNHO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Juiz de Fora
2019

ALEXSANDRO ROSA SOARES

**DIÁRIO DE BITITA:
O TESTEMUNHO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva

Juiz de Fora
2019

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

S676

Soares, Alexsandro Rosa,
Diário de Bitita: o testemunho na obra de Carolina Maria de Jesus / Alexsandro Rosa Soares, orientadora Dra. Maria Andréia de Paula Silva .- Juiz de Fora: 2019.

92 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira)
– Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2019.

1. Diário de Bitita. 2. Carolina Maria de Jesus. 3. Literatura Periférica. 4. Testemunho. I. Silva, Maria Andréia de Paula, orient. II. Título.

CDD: B869.1

SOARES, Alexsandro Rosa. **DIÁRIO DE BITITA**: o testemunho na obra de Carolina Maria de Jesus. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas; o regional e o universal, realizada no 1º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Maria Andréia de Paula Silva (CES/JF)



Prof. Dr. Edimo de Almeida Pereira (CES/JF)



Prof^ª. Dra. Elza de Sá Nogueira (UFJF)

Examinado(a) em: 15 / 03 / 2019.

Dedico este trabalho, com muito amor e gratidão, à minha mãe Alcinete Candida da Rosa, à minha irmã Aliciane Rosa Soares Rodrigues e ao meu sobrinho Derek Soares Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre esteve me apoiando. Minha mãe, Alcinete Candida da Rosa, que me ajudou, para que eu pudesse dar continuidade. Minha irmã, Aliciane Rosa Soares Rodrigues, pelas palavras de incentivo e apoio. Ao meu sobrinho, Derek Soares Rodrigues, que trouxe leveza e alegria aos nossos dias com seu sorriso e balbucios diários.

Aos meus amigos, em especial, Alcione Candido da Silva e Bruno Borges do Carmo, pelo apoio na hora em que mais pensei em desistir. Minha eterna gratidão.

À minha orientadora, Professora Dra. Maria Andréia de Paula Silva, que, literalmente, me abraçou, acolheu e conduziu esta pesquisa. Minha gratidão por todos os momentos de aprendizado e carinho.

À Professora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes que, enquanto coordenadora, sempre acompanhou de perto minha trajetória de viagem e estudos, dando suporte e realizando uma gestão que oportunizasse aproveitar ao máximo as disciplinas do programa.

Aos professores do programa do mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, que me proporcionaram novos olhares sobre os campos literários.

À Professora Dra. Elza de Sá Nogueira da Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Professor Dr. Édimo de Almeida Pereira do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora pela presteza em ler o meu trabalho, apontar sugestões e participar das bancas de qualificação e defesa.

À professora Magaly Ferreira Poubel Jardim, uma educadora encantadora, que me apresentou **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, e inspira minha prática docente.

Às minhas diretoras, da Faculdade de Educação Tecnológica do estado do Rio de Janeiro – Itaperuna; e do Colégio Estadual Lions Clube, pelo constante incentivo e auxílio para que eu pudesse estar em Juiz de Fora estudando.

Aos colegas parceiros do mestrado pela acolhida e cuidado.

Enfim, a todos que me apoiaram nesta desafiadora caminhada.

[...] a fazendeira [...] perguntou meu nome.
Minha mãe respondeu-lhe com a voz
trêmula, porque a presença de um branco
a atemorizava.

- Ela... chama Carolina Maria de Jesus.
Pedi a minha mãe para dizer-lhe que meu
nome era Bitita. [...]

(JESUS, 1986, p. 133 - 344)

RESUMO

SOARES, Alexsandro Rosa Soares. **Diário de Bitita**: O testemunho na obra de Carolina Maria de Jesus. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

É notório que o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão, tendo em vista a maioria dos nossos autores reconhecidos serem homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média. Na contramão desta realidade, a presente investigação tem como objetivo analisar a obra autobiográfica **Diário de Bitita** (1986), da escritora Carolina Maria de Jesus, mulher, negra e moradora da favela, sob a perspectiva testemunhal. Narradora da dura luta cotidiana de uma família negra brasileira, Carolina traça um panorama da sociedade e da exclusão de uma menina que luta para compreender e se posicionar frente a um ambiente repleto de injustiça social, preconceito e discriminação, desnudando os mecanismos que o conformam. Apesar da origem do testemunho estar relacionada ao aspecto jurídico e ainda não haver um consenso entre os estudiosos em relação a como lidar com ele no âmbito literário, constata-se que esse conceito tem contribuído para o debate sobre as relações entre escrita e exclusão social. A pesquisa investigou o caráter testemunhal e os aspectos da literatura periférica presentes na obra a partir dos referenciais teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Érica Peçanha do Nascimento, Márcio Seligmann-Silva, Heloisa Buarque de Hollanda, Regina Dalcastagnè, Philippe Lejeune, entre outros, que dão suporte para os estudos e investigações propostos nesta dissertação. Os resultados permitiram reforçar a hipótese de que a literatura de Carolina Maria de Jesus pode ser caracterizada como uma Literatura de Testemunho e Marginal, valorizando a escrita de resistência da autora que apontam discussões emergenciais sobre quem são, como vivem e o que têm a dizer, as vozes sociais, até então silenciadas, que se fortalecem, cada vez mais, no campo literário nacional.

Palavras-chave: **Diário de Bitita**. Carolina Maria de Jesus. Literatura Periférica. Testemunho.

ABSTRACT

It is notorious that the Brazilian literary field configures itself as a space of exclusion, considering that the majority of our recognized authors are men, white, inhabitants of large urban centers and middle class. Contrary to this reality, this research aims to analyze the autobiographical work **Diário de Bitita** (1986) by the writer Carolina Maria de Jesus, a Black woman, resident of the favela, under a testimonial perspective. Narrator of the daily struggle of a black Brazilian family, Jesus traces a panorama of her society and the exclusion of a girl who struggles to understand and position herself in an environment full of social injustice, prejudice and discrimination, uncovering the mechanisms that shape it. Although the origin of the testimony is related to the legal aspect and there is still no consensus among scholars about how to deal with it in the literary field, it is noted that this concept has contributed to the debate on the relations between writing and social exclusion. The research investigated the testimonial character and the aspects of the peripheral literature present in the work from the theoretical references of Gilles Deleuze and Félix Guattari, Érica Peçanha do Nascimento, Márcio Seligmann-Silva, Heloisa Buarque de Hollanda, Regina Dalcastagnè, Philippe Lejeune, among others, which support the studies and investigations proposed in this dissertation. The results allowed to reinforce the hypothesis that the literature of Carolina Maria de Jesus can be characterized as a Literature of Testimony and Marginal, valuing the writing of resistance of the author that point to emergency discussions about who they are, how they live and what they have to say, the social voices, hitherto silenced, which are increasingly being strengthened in the national literary field.

Keywords: **Bitita's Diary**. Carolina Maria de Jesus. Peripheral Literature. A testimony.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DIÁRIO DE BITITA: A VOZ E A VEZ DE UMA EXCLUÍDA	14
2.1 CAROLINA, UMA VOZ DE RESISTÊNCIA	18
2.2 DIÁRIO DE BITITA, OUTRAS VOZES.....	26
3 O TESTEMUNHO: A ESCRITA LITERÁRIA E SUA RELAÇÃO COM O REAL...38	
3.1 O CONCEITO DE TESTEMUNHO	39
3.2 A PERSPECTIVA TESTEMUNHAL NA OBRA DE CAROLINA.....	43
4 CAROLINA MARIA DE JESUS: A DAMA DA LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA	58
4.1 A LITERATURA MARGINAL NO CONTEXTO PERIFÉRICO.....	60
4.2 DIÁRIO DE BITITA: AS MARGENS DA LITERATURA	73
5 CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. Philippe Artières.

Historicamente, nota-se a opressão desencadeada e reforçada pela questão da hierarquia social e étnica, que definia o homem branco como senhor absoluto sobre os demais participantes da sociedade, principalmente os negros, diante do regime escravocrata vivido no Brasil. Isto posto, a mulher negra sofreu ainda mais, não apenas com a sua condição miserável de escravizada, como também pela legitimação de sua submissão sexual ao senhor, tendo em vista a severa dominação do mesmo sobre ela.

No campo da literatura, essa submissão não foi diferente. Há tempos o cenário literário brasileiro vem seguindo os moldes ocidentais no que se relaciona a uma perspectiva hegemônica falocêntrica, que define a padronização idealizada de uma boa literatura ao estereótipo de homem branco, enquanto detentor do poder. Diante disso, todos aqueles e aquelas que fogem à regra dos denominados cânones são discriminados, sujeitados, de forma excludente, à margem.

No início do século do XX, destaca-se a postura feminista da escritora inglesa Virginia Woolf, que publicou em 1929 o livro **Um teto todo seu**, onde indaga sobre a inexistência das figuras femininas no transcorrer histórico, considerando inadequada a história registrada, haja vista a não inclusão das mulheres nas narrativas. Postura nobre de uma mulher que, mesmo vivendo em um contexto social e político arbitrário, posiciona-se com fundamentos plausíveis, de quem parece estar atenta aos avanços necessários para uma nova perspectiva de participação feminina em uma sociedade multicultural.

Na década de 1960, diversos grupos de mulheres, que ansiavam por mudanças, foram encontrando abertura para suas indagações, e reforçava-se, assim, o movimento das feministas nos Estados Unidos e na Europa, com repercussão no Brasil. A ação dessas mulheres foi fundamental ao propor questionamentos sobre as relações de poder que provocavam o silenciamento das esferas sociais menos abastadas.

A obra **O Segundo Sexo**, escrita pela ativista política, feminista e escritora francesa Simone de Beauvoir, em 1949, tornou-se referência para o movimento feminista, tendo em vista que o livro apontava para os princípios culturais da desigualdade entre os sexos, denunciando a existência de um negativismo à qual as mulheres estariam sujeitas ao homem por sua condição biológica, pelo trabalho e pela condição social.

Ao lutar por direitos de igualdade de condições, tal movimento, também, buscou viabilizar o resgate da literatura feminina e a quebra de paradigmas que conduziam a sociedade e o círculo literário, principalmente no que se relacionava às forças masculinas e brancas, que imperiosamente dominavam.

Dentre os grupos de ativistas, existiam aquelas que, mesmo sem levantar a bandeira do feminismo, valiam-se da literatura para contestar, criticar e demonstrar suas angústias e revoltas diante de tal ambiente elitizado. Nesse contexto, surgem mulheres como Carolina Maria de Jesus que, resistindo à sua desfavorável situação enquanto sobrevivente em uma sociedade capitalista, busca sobrepujar as adversidades do preconceito racial e das condições socioeconômicas por meio da arte da escrita.

A autora é uma figura feminina importante da Literatura Brasileira, por se contrapor aos arquétipos estabelecidos pelo âmbito social em relação às personalidades literárias tidas como canônicas, pois, pensar que uma mulher negra, semialfabetizada, com nenhum poder aquisitivo, sobrevivendo por meio de seus esforços, inclusive físicos, criando sozinha seus três filhos, poderia tornar-se autora na década de 1960, era quase que inadmissível, já que não fazia parte do perfil normativo dos grandes autores literários, até então reconhecidos.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher à frente do seu tempo. Valia-se da leitura e de sua escrita como uma arma poderosa para demonstrar sua posição diante das situações. Nas suas obras, revela a inquietude de uma mulher marginalizada que tinha o desejo de compor a aristocracia literária, mesmo tendo a consciência da dificuldade que seria ascender diante de tanto preconceito e exclusão.

Diante da força presente na escrita da autora, o ponto de partida deste estudo nasceu do encantamento pela forma como utilizou o seu dom de narrar, para arquivar a própria vida. Inicialmente a ideia era investigar a sua obra de maior sucesso, **Quarto de despejo**: diário de uma favelada (1960), em que relatou

memórias de suas desventuras enquanto residente em uma favela, sobrevivendo com o que conseguia recolher das lixeiras.

Apesar do encantamento inicial, todavia, após pesquisas sobre as investigações já realizadas sobre essa obra, considerou-se de maior relevância, neste momento, que este estudo tivesse como objeto de análise a obra póstuma **Diário de Bitita**, publicada primeiramente na França, em 1982, sob o título **Journal de Bitita** e, no Brasil, pela editora Nova Fronteira, no ano de 1986. Busca-se investigar, nesta obra, a presença de uma perspectiva testemunhal nos relatos autobiográficos e memorialísticos da escritora, bem como verificar a relação dos seus escritos com a denominada Literatura periférica.

Diante dessas observações, este trabalho, a princípio, apresenta a fortuna crítica da autora, delimitando um recorte temporal do ano de 1960, quando foi publicado **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, até 2014, com o lançamento pela editora Me Parió Revolução, da obra **Onde estaes felicidade?**, organizada pelas pesquisadoras Dinha e Raffaella Fernandez. A seção inicial busca situar, histórica e biograficamente, a importância da participação de Carolina Maria de Jesus no cenário literário nacional como uma voz significativa e representativa daqueles que viviam nas mesmas condições sociais, econômicas e culturais. Elucidando, portanto, as tantas outras vozes proclamadas pela autora por meio dos seus escritos, seja na prosa, seja na poesia.

Considerando que a obra aqui analisada faz parte do universo confessional, trazendo em seu bojo relatos de si, a segunda seção trata, de forma etimológica e histórica, da construção do conceito de testemunho e sua aplicabilidade no contexto literário, analisando a definição inicial contemplada para essa perspectiva e o que se considera na contemporaneidade enquanto definição de literatura de testemunho. Estabeleceram-se, também, aproximações e distanciamentos entre o testemunho literário e a obra **Diário de Bitita** (1986), constatando-se de que na obra da autora há uma sobreposição do **superstes** sobre o **testis**, tendo em vista a sinceridade do relato e a elaboração literária do texto.

A escritora, falecida na data de 13 de fevereiro de 1977, viveu ainda o início do fenômeno da literatura marginal da década de 1970. Diante dessa circunstância e do processo de marginalização, ainda permanente, quanto à consolidação da obra de Carolina Maria de Jesus, a quarta seção objetivou definir historicamente o que se denominou inicialmente como literatura marginal, que hoje se concebe como

literatura periférica, e investigou-se a aproximação existente entre a obra **Diário de Bitita** (1986) e as características desta literatura, tendo em vista ser uma narrativa de resistência calcada em relatos cotidianos que colaboram para a discussão contra-hegemônica de uma literatura exclusivamente padronizada, produzida e legitimada, pelos considerados núcleos centrais do saber.

Com esta pesquisa, objetivou-se, também, mostrar quem é Carolina Maria de Jesus diante das opressões sociais, com um recurso (a escrita), que viabiliza evocar uma pluralidade de vozes, narrando a cultura, os costumes e a relação de resistência de um povo que tende a testemunhar ações traumáticas dos contextos marginais periféricos onde vivem, transformando a dor, a discriminação e as fobias, em arte literária.

2 DIÁRIO DE BITITA: A VOZ E A VEZ DE UMA EXCLUÍDA

Quando escrevi o meu diário não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa, não tinha o que comer. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha impressão que estava contando as mágoas a alguém. E assim surgiu o “Quarto de Despejo” (JESUS, 1963, p. 181)

A cidade de Sacramento, situada no interior de Minas Gerais, viveu por muito tempo sob o jugo dos resquícios do período escravocrata. Os trabalhadores negros do município tinham um labor diário desumano, como é de entendimento de todos que conhecem a história deste triste legado nacional.

O século XX não trouxe, para Sacramento, mudanças rápidas quanto a um novo cenário das relações sociais e do mundo do trabalho. Nestas condições, em plena transformação social no século XX, nasce Bitita. Apelido dado a uma menina espletada, questionadora, que tinha por nome de batismo Carolina Maria de Jesus. Filha de João Cândido e de Dona Maria Carolina de Jesus, mais conhecida como dona Cota.

O pesquisador Tom Farias (2017), que, recentemente, publicou uma biografia da escritora, intitulada **Carolina**: uma biografia, afirma que existem relatos que definem Bitita como: “[...] uma negrinha de olhos vivos, testa ampla e lisa, boca bem proeminente, maçãs do rosto acentuadas, apesar de muito magra, e pernas finas e compridas, tinha uma voz assaz enjoativa, estridente, para sua idade” (FARIAS, 2017, p. 16, grifo do autor).

Na mesma época que a escritora nasceu, datado de 14 de março de 1914, o mundo sofria com o impacto ocasionado pela primeira Guerra Mundial na Europa. No Brasil, vivia-se o período de Primeira República ou República Velha, e a questão de cor e etnia ainda se fazia muito presente, mesmo após a denominada Abolição da Escravatura.

Oriunda de uma família pobre, no início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec, primeira escola espírita do Brasil, onde estudou por dois anos, sustentada por uma senhora chamada Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina Maria de Jesus trabalhava como lavadeira.

No ano de 1947, sozinha, por opção, mudou-se para São Paulo, juntamente com seus três filhos, João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, residindo, por um bom tempo, na favela do Canindé.

A autora era encantada com o tema Abolição, e por abolicionistas como o poeta Castro Alves e Rui Barbosa, que utilizavam sua arte como forma de denúncia, da mesma forma como a escritora se valia dos seus testemunhos manuscritos, como uma forma de resistência, diante de sua condição sociológica e das adversidades, haja vista que tinha como fonte de renda, catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade.

Carolina Maria de Jesus foi a primeira escritora a deslocar-se do gueto literário, alçando o seu lugar de fala e irrompendo no espaço editorial, até então dominado pela burguesia. Em sua obra, **Quarto de despejo**: diário de uma favelada (1960), por meio do seu relato memorialista e sequencial, imprime a sua denúncia contra a fome, a miséria, a violência moral e física, a coerção social, a discriminação, a marginalização e a opressão aos excluídos.

A narrativa autobiográfica da escritora revela uma despreocupação com o caráter proposto pelo filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (apud FIGUEIREDO, 2006, p. 184), em **A ilusão biográfica**, quando este menciona que o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, propõe acontecimentos que tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas seguindo relações inteligíveis. Para o escritor:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis [...] (BOURDIEU apud FIGUEIREDO, 2006, p. 184).

Bourdieu (apud FIGUEIREDO, 2006, p. 185) assevera, ainda, que produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência.

Valendo-se desta cronologia, porém, na contramão do caráter simplista ao conformar-se, nota-se que os estudos de produções memorialísticas, como a de Carolina Maria de Jesus, tendem a analisar a vida autobiografada como algo organizado em uma história que transcorre em uma ordem cronológica, e que pressupõe uma lógica de um ponto de partida atrelada à razão de ser.

Contudo, a escritora causa uma ruptura desta ordem, pois se percebe que a estrutura da obra investigada não a caracteriza enquanto diário, pois não há uma

cronologia fixa, o que faz considerar que a maior preocupação da autora seria com a transmissão de uma possível veracidade dos fatos e a valoração do momentâneo enquanto aspecto a ser relatado.

Diário de Bitita (1986), livro publicado após a morte da autora, não teve a mesma repercussão que **Quarto de Despejo: diário de uma favelada** (1960), no entanto vem angariando força na produção literária da escritora, consolidando-se no âmbito acadêmico, por meio de pesquisas, ante as novas configurações da denominada literatura marginal, e pela força dos aspectos sociológicos presentes no livro.

No **Diário** estão relatadas memórias da infância e adolescência desde Sacramento, em Minas Gerais, até os primeiros tempos na cidade de Franca, em São Paulo. A escritora narra, também, o cenário de uma sociedade machista e capitalista, sob o olhar de alguém excluído que já passou fome.

Há testemunhos, detalhistas, quanto à índole das personagens; as ações em cada cena observada, ou possivelmente vivenciada, são reveladas com muita sagacidade pela autora, que demonstra realizar uma crítica à política e à sociedade da época, e, ainda, o seu apreço e respeitabilidade pela palavra escrita e impressa por meio dos seus relatos autobiográficos. O excerto a seguir expõe a consciência da importância da educação e as limitações para o exercício deste desejo, impostas pela dinâmica social da época.

Os oito filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rudimentares. O meu avô tinha desgosto porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia:

— Não foi por relaxo de minha parte. É que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender.

E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho (JESUS, 1986, p. 57).

Pode-se considerar que há, no gênero textual autobiografia, um paradoxo sobre os motivos que levariam uma escritora/autora a contar sua própria história, um questionamento dos limites entre o real e o ficcional, e os elementos que conduzem a escrita para um fim. Ou seja, como se pressupõe que na autobiografia a autora promova uma escrita de si, revelando suas memórias testemunhais, tende-se a entender tais relatos como algo real, vivenciado verdadeiramente por quem escreve. Contudo, há indagações, no campo literário, sobre a possibilidade de estabelecer

este caráter verídico a este tipo de narrativa, tendo em vista a perspectiva ficcional presente na literatura.

Para este estudo, concebe-se que não cabem, na obra de Carolina Maria de Jesus, tais questionamentos, pois o valor literário está na interação estética estabelecida entre a obra literária, enquanto objeto social, a autora e o leitor, que vai além da presença do caráter realístico ou ficcional.

Há relatos em **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, por exemplo, que tratam sobre a veracidade dos fatos narrados pela escritora,

9 de agosto Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo.
...Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade (JESUS, 1960, p. 96).

Assim sendo, acredita-se que a obra memorialística e autobiográfica **Diário de Bitita** (1986) deve ser analisada sob o entendimento de que é um veículo por meio do qual ecoa a voz de uma mulher, negra, da periferia, que viveu em um contexto social de exclusão e em um ambiente literário adverso, buscando salientar a importância das reflexões acerca dos aspectos culturais, sociais e políticos em uma sociedade de silenciamentos, independentemente do questionamento sobre a preponderância de ser realidade ou ficção.

Os escritos de Carolina Maria de Jesus promovem denúncias sérias de uma sociedade preconceituosa e discriminadora, repletos de olhares sobre uma concepção feminina de quem não quer ser subjugada por sua condição de gênero e econômica, de reflexões que incitam a questionamentos sobre quem somos, o que queremos e para onde iremos, se continuarmos com tantos pensamentos retrógrados.

Talvez a enunciação de tais problemáticas e de uma cena cultural diferente do padrão europeu esteja entre os motivos para que a escrita feminina negra tenha grandes dificuldades de alçar à literarização, que segundo Lajolo (2018), é a ação desenvolvida, por canais competentes, para que uma obra seja considerada parte integrante da tradição literária de uma dada tradição cultural, necessitando do aval destes canais para a proclamação de um texto enquanto literatura. Esses canais são compostos por instituições, eventos, publicações e titulações, que assumem a função de legitimar o valor literário de uma obra.

Segundo Conceição Evaristo (2005):

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005, p. 54, grifos da autora).

Isso posto, nas próximas seções, Carolina Maria de Jesus apresenta, em sua obra, uma personagem feminina subjetiva, feminista e que buscava ser lida e ouvida, para que pudesse sair da sua condição de escravizada socialmente; uma mulher com voz de resistência, representada nas obras publicadas enquanto a escritora ainda era viva; e que ecoa muitas outras vozes por meio dos seus relatos publicados nas obras póstumas.

2.1 CAROLINA, UMA VOZ DE RESISTÊNCIA

As escrevivências de Carolina Maria de Jesus são permeadas de reflexões acerca de experiências sociais, políticas e literárias da escritora em um momento histórico em que as vozes femininas eram silenciadas, principalmente quando a mulher era negra e da periferia. Autora de diários, romances, poemas e músicas, Carolina Maria de Jesus tinha o dom de expressar seus anseios por meio de palavras postas de uma forma singular e de uma sensibilidade que dispensa, literalmente, qualquer regra institucionalizada enquanto correta sob o padrão normativo culto.

O termo escrevivência é utilizado pela escritora Conceição Evaristo como marca identitária da escrita negra. Em entrevista ao jornal digital **Nexo**, Conceição Evaristo afirmou que o conceito surgiu pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras em um seminário, cujo tema era **Mulher e Literatura**, onde ela concluiu sua fala dizendo que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Disse ainda que “[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO apud LIMA, 2017, grifo da autora).

A escrita de Carolina Maria de Jesus tende a aproximar os leitores por relatar de forma direta, muito próxima ao diálogo cotidiano, seus pensamentos críticos

sobre temas como o amor, a escravidão, a política, as relações familiares, a miséria, a fome, entre outros. No índice de suas obras, a autora de **Quarto de despejo**: diário de uma favelada (1960) talvez, sua obra de maior repercussão, também é responsável por: **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada (1961), **Pedaços da fome** (1963), **Provérbios** (1963), **Diário de Bitita** (1982), **Meu estranho diário** (1996), **Antologia pessoal** (1996) e **Onde estaes felicidade?** (2014), sendo as quatro últimas póstumas. A escritora apresenta comoventes relatos de sua vida cotidiana como moradora em uma favela, catadora de papel, mãe solteira e as agruras de ser negra em um país marcado em sua história por um longo período escravagista.

13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpatico para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] ...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetaculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos./E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 27)

A obra **Quarto de despejo**: diário de uma favelada (1960) tem uma linguagem simples, oriunda de quem tinha um conhecimento intuitivo da língua, com inadequações em uma escrita diferente da estabelecida como formal. Estas inadequações permaneceram, mesmo após edição, com o intuito de não ferir a originalidade da escritora, valorizando, assim, toda diversidade linguística que corrobora com a filosofia de que, para uma escrita qualitativa, não é necessário o uso de regras gramaticais sob o princípio da norma padrão, exclusivamente.

A autora era semialfabetizada e tinha na sua mente a ideia de que as palavras, transformadas em conhecimento, poderiam servir de poder e ascensão em uma sociedade desigual como na que vivia. Essa ascensão social foi buscada por ela desde a sua infância. Mesmo com pouco estudo, a escritora era crítica, politizada. Mesmo catadora de papel, não se conformava com migalhas. Lia tudo para que pudesse escrever sua própria história.

Afirmava que “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora./Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças” (JESUS, 1960, p. 26), comentário desferido após ser intimada a

comparecer na delegacia para tratar de um possível desvio de conduta de um de seus filhos.

Para além do mais, na obra em questão, Jesus (1960) descreve a favela, os políticos e o povo em um tom de revolta, haja vista que a autora vê a favela como o **quarto de despejo** da cidade, surgindo daí o título da obra. A crítica forte sobre a favela como um lugar onde as chamadas minorias sociais eram **jogadas** à margem, e tinham a possibilidade de sobreviver, traz à tona diversas reflexões sobre o contexto periférico da época, que se estende à atualidade, tendo em vista que, ainda hoje, a favela é vislumbrada como um lugar apenas atulhado de pobreza e violência. Segundo afirmam Meihy e Levine (2015):

Carolina Maria de Jesus nunca se conformou com os privilégios e com as prioridades do desenvolvimento econômico que implicavam maior pobreza para o país e fortalecimento de grupos de poder já garantido. Orgulhava-se, por exemplo, de poder afirmar que nunca havia se casado por não aceitar sequer a dependência econômica de um homem (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 21).

Para Carolina Maria de Jesus, viver na favela era realmente estar à margem da sociedade, e também conviver com adversidades no que tange à solidariedade e à comunidade, o que provoca o anseio da escritora por sair daquele lugar:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas penadas da enfermidade mantêm o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 1960, p. 17-18).

A escritora definia a favela como um espaço ruim para criar e educar os filhos. Afirmava que:

[...] a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos (JESUS, 1961, p. 17, grifos da autora).

Com esta obra, traduzida em mais de treze línguas, Carolina Maria de Jesus alçou a tão almejada ascensão e conquistou alguns de seus sonhos. A autora foi

(re)conhecida na sociedade e tornou-se a poeta dos pobres. Contudo, a fama, o dinheiro e o *status* social não foram tão longos, afinal ela era uma mulher que tinha resquícios da periferia e que fazia crítica aos governantes e à sociedade mais privilegiada.

5 DE JUNHO ... Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as trajetórias que os políticos representam em relação ao povo (JESUS, 1960, p. 47).

As agruras narradas revelam que a fome era a sua maior preocupação. Inconformada com a condição de sobrevivência, narrou:

24 de julho Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o unico feijão para cosinhar. Peguei a sacola e saí [...] (JESUS, 1960, p. 89 - 90)

Em **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, narrou ainda a resistência do corpo para conseguir angariar recursos para sobrevivência, relatou:

1 de janeiro de 1959 Deixei o leito as 4 horas e fui carregar agua. Fui lavar as roupas. Não fiz almoço. Não tem arroz. A tarde vou fazer feijão com macarrão. (...) Os filhos não comeram nada. Eu vou deitar porque estou com sono. Era 9 horas, o João despertou-me para abrir a porta. Hoje eu estou triste (JESUS, 1960, p. 131, grifo da autora).

Ao concluir o livro, a escritora faz declarações que remetem ao cansaço, à luta e a uma continuidade da vida, conforme as palavras que encerram a obra: “26 de agosto A pior coisa do mundo é a fome!”, e finaliza: “1 de janeiro de 1960 Levantei as 5 horas e fui carregar agua” (JESUS, 1960, p. 167).

A produção literária de Carolina Maria de Jesus seguiu adiante. Devido ao estrondoso sucesso, no ano posterior, publicou a obra **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada (1961), que surgiu na intenção da autora em permanecer no seio social enquanto uma escritora de sucesso. Nela, Jesus (1961) conta a experiência de sair do quarto de despejo com apenas sala, quarto e cozinha, e em um único

cômodo, para uma casa-sobrado, com sala, quarto, cozinha, quintal e jardim, narrando sua vida de escritora ainda reconhecida pela mídia e pela sociedade.

A narrativa demonstra, claramente, uma ascensão de sua condição econômica após ganhar muito dinheiro com sua obra inicial. A fome já era tratada com certa tranquilidade. A escritora relatou:

8 de maio ... Fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne. Tinha muito nervo. Graças a Deus hoje eu estou em condições de escolher a carne que eu quero. [...]

Escolhi outro pedaço de carne. Paguei 70 cruzeiros. Pensei no reporter, o homem que emparelhou-se comigo na hora mais crítica da minha vida. Agora sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela [...] (JESUS, 1961, p. 17)

Mesmo com toda notoriedade, percebe-se nesta obra que algumas dificuldades permaneciam, como a relação com os vizinhos, que continuavam afastando-a do círculo social da classe média, tendo em vista sua condição emergente e suas origens. No entanto, estas dificuldades não minimizaram a vontade da escritora de permanecer no campo literário usufruindo deste como um alicerce para melhoria da sua vida econômica, o que conseqüentemente estava relacionado ao ato de cuidar de seus filhos com decência.

Com o reconhecimento, a autora concedeu diversas entrevistas, falando com um certo orgulho da sua obra-prima. Na obra **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada** (1961) a autora descreve sua vida midiática. Afirmava que a sua produção teria continuidade: “[...] Estou escrevendo e pretendo continuar escrever. Agora que estou encaixada dentro do meu ideal de que é escrever. [...] Odiava os políticos e patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre” (JESUS, 1961, p. 25).

Demonstra também sua gratidão ao jornalista Audálio Dantas¹ por ter acreditado no seu valor literário e ter provocado a possibilidade de conquistar o sonho almejado, que era ser reconhecida “Depois que conheci o reporter tudo transformou-se. E eu enalteço o reporter por gratidão” (JESUS, 1961, p. 25).

Audálio Dantas foi uma das figuras mais importantes na vida da escritora, por reconhecer a qualidade literária presente nos manuscritos e revelá-la ao cenário jornalístico. Conforme revelam Meihy e Levine (2015) em 1958, os fragmentos de

¹O descobridor de Carolina Maria de Jesus, o jornalista Audálio Dantas, faleceu no dia 30 de maio de 2018, vítima de câncer de intestino.

seu diário chamaram a atenção deste jovem jornalista, que a ajudou a publicá-lo. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada foi alçado comercialmente no mercado, em um curto espaço de tempo, e fez com que a autora se tornasse uma celebridade internacional.

Há também na obra **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada a demonstração de um sentimento pouco relatado na primeira obra, a felicidade. Mesmo ainda residindo na favela, com a continuidade de algumas práticas corriqueiras, a personagem Carolina se mostrava feliz:

14 de maio ... Preciso lavar as roupas, porque amanhã eu vou na televisão. Hoje eu estou alegre. Todo mundo olha-me nas ruas. Já estou habituando com a nova vida. [...] Eu fui vista em todos os jornais. (...) Eu fui deitar um pouco porque estava com sono. Mas, quem é que dorme em favela! Com tanto barulho. Não sei como é que os favelados podem ser alegres, com tanta miséria ao redor (JESUS, 1961, p. 20, grifo da autora).

Carolina Maria de Jesus participou de vários eventos evocando sua história e partilhando suas experiências com aqueles que, possivelmente, não eram oriundos da mesma condição social. As necessidades sofridas no âmbito da favela eram sempre relatadas:

A terceira oradora fui eu. Citei: fui residir na favela por necessidade. Com o decorrer dos tempos percebi que podia sair daquele meio. Era horroroso para mim presenciar as cenas rudes que desenrolava-se na favela como se fôsse natural. [...] Encontram dificuldades na cidade, que só oferece conforto e decência aos que tem bons empregos. Eles não podem acompanhar a vida atualmente. Devido ao custo de vida são obrigados a recorrer ao lixo ou os restos de feira. – Não adianta falar de fome com quem não passa fome (JESUS, 1961, p. 181).

Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada (1961) demonstra uma Carolina sonhadora que, por meio do mundo de alvenaria, percebeu que a miséria, a fome e a tristeza também existiam neste local, o que faz com que a escritora conclua essa obra, aparentemente, de forma ainda mais politizada.

O único romance de Jesus, **Pedaços da fome** (1963a), foi custeado pela própria autora, buscando se reestabelecer no cenário literário e social, o que infelizmente não aconteceu, tendo em vista a pouca repercussão da obra.

Pureza (2017) define **Pedaços da fome** (1963a) como:

[...] ao contrário dos demais, tem uma narrativa mais tradicional, de caráter ficcional, com narrador em terceira pessoa, cuja história gira em torno de Maria Clara, uma jovem filha de coronel, que, por amor, acaba sendo enganada pelo marido e é obrigada a morar em Guarulhos, num cortiço (PUREZA, 2017, p. 56).

A fome, nesta obra, tem destaque específico, pois permeia a construção da personagem Maria Clara, que vive na riqueza, sendo filha de coronel, uma moça bonita, inteligente, ingênua e branca, mas que em um determinado momento da narrativa começa a sofrer com a escassez econômica, chegando à falta do que comer. A descrição de Maria Clara inicialmente revela uma figura feminina manipulada por um pai rico, que amedrontava as pessoas pelo seu poder e fortuna:

Maria Clara era riquíssima, nenhum jovem ousava aproximar-se dela com receio do Coronel Fagundes. O homem mais rico da Noroeste. As más línguas diziam que o coronel tinha jagunços. E era um homem malvado. Outros diziam que ele era bom igual ao pão. Mas o boato que predominava era o de homem malvado. E estes boatos pouco recomendáveis deixava o povo de sobreaviso (JESUS, 1963a, p. 25).

A personagem carrega semelhanças que podem suscitar certa analogia com a vida da escritora Carolina Maria de Jesus durante o sucesso de **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, e pós **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada, estabelecendo uma relação conflituosa entre ricos e pobres, por meio de um romance que ilustra a vida decadente de uma moça com uma posição social favorável.

As semelhanças entre a protagonista e a escritora podem ser ampliadas. Ambas apaixonantes e apaixonadas, mulheres fortes que passam a vida em uma luta cotidiana almejando romper com as dificuldades e as necessidades. Ambas com aversão à favela, conforme reflete a personagem: “Maria Clara deu um suspiro longo: Favela. O meu coração não aceita viver neste lugar. E atualmente eu creio nos meus receios” (JESUS, 1963a, p. 180).

O sonho de Carolina Maria de Jesus de se tornar uma mulher da sociedade aconteceu, mas, na mesma celeridade do surgimento do sucesso, a decadência tornou-se presente na vida da escritora. Talvez por isso, nesta obra, a autora tenha relatado, por meio da personagem Maria Clara, uma suposta preocupação com o retrocesso, com a possibilidade de viver novamente situações tão conflituosas:

Maria Clara tinha receio de passar fome. Ficava horrorizada quando via as mulheres pobres vagando pelas ruas pedindo esmolas. Revoltava-se pensando:

– Será que os nossos políticos não têm vergonha de ver tantos pobres circulando pelas ruas? [...] Quando eu era rica não me preocupava muito com os pobres, mas agora estou nesse núcleo. Se os ricos conhecessem a vida sacrificada que os pobres levam, haviam de obrigar seus filhos a estudar e aprender uma profissão (JESUS, 1963a, p. 154).

Pedaços da fome (1963), além de retratar as mazelas sociais, evidencia o olhar da escritora sob a perspectiva racial de quem é o branco na sociedade. A personagem Maria Clara, que carrega no nome a própria condição de dominação do homem branco em todos os aspectos, emerge como o outro lado de um pensamento, encarando a pobreza de um ponto de vista de alguém que já foi rico, mas que sempre foi branco, não sofrendo, assim, toda a carga discriminatória e dificultosa da etnia.

O livro foi recebido com indiferença pela imprensa, que já não dava tanta importância à figura de Carolina Maria de Jesus, ocasionando, desse modo, um trágico desperdício financeiro.

Provérbios (1963b), obra também custeada pela própria autora, é uma compilação de pensamentos autorais que traz no seu bojo, mais uma vez, a vertente crítica desta, sobre tudo e todas as coisas. Já no prólogo, a escritora informa ao leitor a intenção literária da obra:

Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores, que me vem estimulando, no meu ideal.

Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado da atualidade.

Espero que alguns de meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão. Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gôtas, já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência (JESUS, 1963b, p. 7).

Sabe-se, contudo, que **Provérbios** (1963b), assim como **Pedaços da fome** (1963a), foi para Carolina Maria de Jesus um suspiro na missão de continuar sua trajetória e de voltar ao cenário midiático, conseqüentemente, social da época. Neste momento, a autora já estava esquecida e não lucrava mais com seus escritos, o que fez com que fosse perdendo sua pequena fortuna adquirida com a publicação de sua obra mais conhecida.

Em **Provérbios**, ela continua suas reflexões sobre política: “Um govêrno é um artista exibindo a sua arte de governar para o povo; uns aplaudem outros reprovam” (JESUS, 1963b, p. 14); sobre a importância que ela dá à escrita e à palavra: “A língua humana é o maior arquiteto do universo, ou constroi grandes edifícios ou desmorona-os” (JESUS, 1963b, p. 24); a honestidade: “Se num país os homens que predominarem forem desonestos, êste país forçosamente irá ao caos” (JESUS, 1963b, p. 23); e sobre os valores humanos: “O homem não tem valor pela fortuna que possui, mas: pelas ações que pratica” (JESUS, 1963b, p. 11).

Com o desinteresse da mídia e da sociedade, a autora retorna ao anonimato e perde sua fortuna. Em 1969, mudou-se para o sonhado sítio em Parelheiros, bairro na periferia de São Paulo, juntamente com os filhos e, em 1972, anunciou que escreveria **O Brasil para os brasileiros**, ridicularizado pela imprensa da época. Em 13 de fevereiro de 1977, morre aos 63 anos, vitimada por uma crise de asma, em Parelheiros, São Paulo.

Com o poder da palavra escrita, pode-se constatar que, por meio de suas obras, Carolina Maria de Jesus rompeu com as questões de etnia e de gênero; provocou reflexões ao questionar as barreiras sociais, transformando a dor e o sentimento de exclusão e descontentamento em relatos reivindicadores, de contestação, diante das dificuldades naturalizadas pela sociedade.

É possível afirmar que a escrita **caroliniana** humanizou o sentimento de exclusão, em uma tentativa de reconstrução do ser, ecoando sua voz de mulher e permitindo que outros indivíduos, ainda hoje, saiam do contexto de subordinação para uma ascensão do lugar de fala.

Adiante, por intermédio das obras póstumas da escritora, que repercutem as vozes de uma coletividade até então silenciadas, será promovida uma discussão sobre o lugar de fala daqueles que têm muito a dizer e demonstrar por meio da sua arte, das suas narrativas, das suas vivências.

2.2 DIÁRIO DE BITITA, OUTRAS VOZES

Nas obras de Carolina Maria de Jesus, ecoam muitas vozes por destacar as relações dos excluídos com o sistema e com o sistema literário, incluindo a voz dos subalternos por meio do mesmo discurso que o exclui. A busca pela adequação linguística padronizada fez com que a autora criasse um estilo único de escrita. Ao

mesmo tempo que se valia de requinte, no estilo declarado como de uma literatura canônica, voltava-se para si mesma e sua condição local.

Esse produto causa estranhamento, exatamente por contrapor ao que é padrão, tratando de assuntos pertencentes a uma coletividade e buscando ser ouvida por todos, inclusive aqueles e aquelas que, econômica ou ideologicamente, não estão na sua esfera social.

Posteriormente, parte da obra foi editada pela Editora Nova Fronteira S.A. e revisada tipograficamente por Andrea Corrêa Rodrigues, Edilson Chaves Cantalice e Uranga, compondo, assim, o **Diário de Bitita** (1986).

Na narrativa autodiegética do livro, encontra-se uma predestinação sobre sua vida, quando a mãe a levou ao médico espírita, o senhor Eurípides Barsanulfo, por uma situação ocorrida e ele declara que aquela **negrinha** seria uma poetisa; Bitita se tornaria a famosa escritora Carolina Maria de Jesus.

Minha mãe queixou-se que eu chorava dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até os vinte anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu [...] (JESUS, 1986, p. 71).

Nesta mesma obra, nota-se ainda a busca de uma autoafirmação, do ser capaz de se posicionar com autoridade diante dos que a menosprezam. Percebe-se, na escrita, um olhar testemunhal que seleciona elementos com a finalidade de fazer o leitor captar cada momento vivido pela narradora e sua posição social enquanto uma mulher crítica à frente do seu tempo, além de abordar as questões sociopolíticas da década de 1960, conforme excerto que se segue:

Eu pensava – “Se a guerra não traz benefícios para os homens, então por que é que eles fazem as guerras? Será que os homens não gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. E a época em que a mente do homem metamorfoseia-se. Ele deixa de ser humano para transformar-se em animal. Será que eles não se comovem com o sangue dos seus semelhantes? E os que ficam aleijados? E os homens dizem que são os donos do mundo. Que são superiores. Vivem endeusando-se! [...]” (JESUS, 1986, p. 43 – 44, grifos da autora).

Dentre os textos testemunhais de Carolina Maria de Jesus, encontra-se, também, **Meu estranho diário** (1996), obra composta de manuscritos originais da escritora, organizados pelos pesquisadores e escritores José Carlos S. B. Meihy e

Robert M. Levine (1996). Esta obra traz, em seu cerne, narrativas sobre três trajetórias da autora, que foram intituladas como: Diários no quarto de despejo, Diários na casa de alvenaria e Diários no sítio.

Na primeira trajetória, Diários no quarto de despejo (JESUS, 1996, p. 31), os relatos são dos momentos vivenciados por Carolina Maria de Jesus na miséria, residindo na favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Há também memórias de quando ela conhece Audálio Dantas, o repórter que lança seu primeiro livro no mercado editorial, tornando-a escritora.

Já em Diários na casa de alvenaria (JESUS, 1996, p. 117), os pesquisadores organizaram narrativas que demonstram as vivências de uma escritora famosa por seu **Quarto de despejo** que estava sendo vendido e traduzido em muitos países. Carolina Maria de Jesus já não residia mais na favela do Canindé, tinha conseguido alcançar seu sonho de uma casa de alvenaria. Ela havia se tornado um sucesso, o que garantiu contato com vários escritores, artistas, pessoas da alta sociedade, mesmo se contrapondo a seus comportamentos e pensamentos. O poema **Quarto de despejo** foi um dos manuscritos publicados, na obra **Meu estranho diário**, onde a autora relata sua trajetória, esboçando certa tristeza com todo o caminho percorrido até este momento:

Quarto de despejo

Quando infiltrei na literatura
 Sonhava so com a ventura
 Minhalma estava chêia de hianto
 Eu nao previa o pranto. Ao publicar o Quarto de Despejo
 Concretisava assim o meu desejo.
 Que vida. Que alegria.
 E agora... Casa de alvenaria.
 Outro livro que vae circular
 As tristêsas vão duplicar.
 Os que pedem para eu auxiliar
 A concretisar os teus desejos
 Penso: eu devia publicar...
 – o ‘Quarto de Despejo’.

No início vêio admiração
 O meu nome circulou a Nação.
 Surgiu uma escritora favelada.
 Chama: Carolina Maria de Jesus.
 E as obras que ela produz

Deixou a humanidade habismada
 No início eu fiquei confusa.
 Parece que estava oclusa
 Num estôjo de marfim.

Eu era solicitada
Era bajulada.
Como um querubim.

Depois começaram a me invejar.
Dizia: você, deve dar
Os teus bens, para um assilo
Os que assim me falava
Não pensava.
Nos meus filhos.

As damas da alta sociedade.
Dizia: pratique a caridade.
Doando aos pobres agasalhos.
Mas o dinheiro da alta sociedade
Não é destinado a caridade
É para os prados, e os baralhos

E assim, eu fui desiludindo
O meu ideal regridindo
Igual um corpo envelhecendo.
Fui enrugando, enrugando...
Petalas de rosa, murchando, murchando
E... estou morrendo!

Na campa silente e fria
Hei de repousar um dia...
Não levo nenhuma ilusão
Porque a escritora favelada
Foi rosa despetalada.
Quantos espinhos em meu coração.
Dizem que sou ambiciosa
Que não sou caridosa.
Incluíram-me entre os usurários
Porque não critica os industriais
Que tratam como animais.
– Os operários... (JESUS, 1996, p. 151-153).

A última parte do livro, *Diários no sítio* (JESUS, 1996, p. 200), contém a narrativa de quando a autora se muda da casa de alvenaria para um sítio em Parelheiros, zona sul de São Paulo, com a esperança de encontrar paz longe de tudo o que lhe fazia mal naquele momento. **Meu estranho diário** (1996) é uma obra que revela a vida de Carolina Maria de Jesus da ascensão ao esquecimento.

Antologia pessoal (1996) é uma coletânea de poemas, também publicada postumamente, organizada pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy e com revisão de Armando Freitas Filho.

José Carlos Sebe Bom Meihy é um dos autores que declaram sua admiração pela escrita de Carolina, com o texto **O inventário de uma certa poetisa**, afirmando que “Pobre e sem poesia Carolina morreu. A morte, contudo, não roubou sua figura e os poemas que seguem. A antologia que ela própria preparou é um beijo de um

passado brasileiro que nunca passou. Graças a Deus” (MEIHY apud JESUS, 1996, p. 33)

Marisa Lajolo é outra escritora que, com o texto intitulado **Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina**, afirma que “No caso deste livro que publica a poesia de Carolina Maria de Jesus, a dimensão polêmica da expressão poesia popular indica autoria e radicaliza vertiginosamente a discussão: trata-se de poemas escritos por alguém do povo” (LAJOLO apud JESUS, 1996, p. 38). Lajolo destaca essa afirmação após questionar a definição do adjetivo popular, ou como ela mesma indaga: “[...] é popular a cultura feita *para* o povo? Ou a cultura feita *pele* povo?” (LAJOLO apud JESUS, 1996, p. 38, grifos da autora).

Lajolo (apud JESUS, 1996, p. 42) acrescenta:

Poemas como os de Carolina são raríssimos na tradição brasileira letrada e podem, por isso mesmo, adensar e dar um norte a esforços contemporâneos da escrita de uma outra história da cultura brasileira. Não a escrita ingênua de uma outra história que retifique ou que substitua a história em circulação. As histórias, como as estrelas do céu e os grãos de areia, são sempre – e precisam ser cada vez mais – multidão (LAJOLO apud JESUS, 1996, p. 42).

A poesia de Carolina Maria de Jesus é marcada por questões crítico-sociológicas que trazem consigo histórias de amor, revolta, religiosidade, marginalidade e o papel da mulher à margem da sociedade. Marisa Lajolo define a poesia de Jesus e a sua importância:

Estes poemas de Carolina constituem, assim, uma poesia forte cheia de sotaques e extremamente oportuna por textualizarem uma cultura que quase nunca chega ao livro impresso, mas que, quando chega, como chegou esta de Carolina, assinala, em sua violência infratora, a exclusão dos pactos e protocolos da cultura, dos cidadãos e cidadãs também excluídos do mundo econômico (LAJOLO apud JESUS, 1996, p. 59).

O pesquisador Armando Freitas Filho conclui a parte introdutória de **Antologia pessoal** (1996) com um texto intitulado **A vida por escrito**, onde afirma acreditar que Carolina Maria de Jesus teria estimado ver outros escritores se debruçarem sobre sua poesia no intuito de revisar e entregar um texto mais limpo e sob os padrões gramaticais, como era o desejo da autora, enunciado algumas vezes em suas obras.

É perceptível o anseio da escritora em atingir um padrão linguístico sob a concepção da norma culta. Esta vontade faz com que tenha uma linguagem ímpar, aliando uma escrita original, carregada de recursos da oralidade, ao mesmo tempo em que se vale de palavras rebuscadas.

Armando Freitas Filho (apud JESUS,1996) também manifesta sua opinião sobre a poética de Carolina Maria de Jesus afirmando que:

Mais do que um documento, sua poesia é um tocante testemunho de quem viveu entre o quarto de despejo, a casa de alvenaria e a rua anônima. Mais ainda: a poesia que se vai ler neste livro é a prova viva de uma vida que não se deixou apagar pela solidão e venceu o esquecimento a que estava destinada (FREITAS FILHO apud JESUS, 1996, p. 63).

O texto poético de Carolina Maria de Jesus torna visível, mesmo valendo-se de algumas metáforas e hipérboles, a história de vida da escritora, seus anseios e pensamentos críticos. Há um sentimento de saudade da infância aliado à saudade da mãe já falecida, aspecto de destaque no poema Saudades de mãe:

Oh! meu Deus quantas saudades
Da minha infância ridente
Não conhecia a degradingolada
Que atinge a vida da gente
Era criança não pensava
Que existia sofrimento
Os brinquedos me fascinavam
A todos os momentos
[...]
Tenho saudades de alguém
Partiu, e não mais voltou.
Eu lhe queria tanto bem.
Mamãe! A morte levou.
Chorei copiosamente
Quando a minha mãe morreu
Mamãe: foi o melhor presente
Que Jesus Cristo me deu (JESUS, 1996, p. 81-82).

Em Pensamento de poeta, Carolina Maria de Jesus traça reflexões acerca da ambição humana:

Estava eu a vagar
E a pensar:
Por que é que existe ambição?
É uma coisa que domina
E elimina
A pureza do coração.

As pessoas ambiciosas

Invejosas
 Invejam os fracos e os fortes
 São do tipo repugnantes
 Semelhantes
 A Judas Iscariotes (JESUS, 1996, p. 113)

A política também está anunciada na poesia da autora. Um dos títulos em que este aspecto é contemplado é Washignton Luiz:

Meu Brasil proeminente
 Pátria de Tiradentes
 Berço de Washignton Luiz.
 Foi um grande presidente
 Que honrou nosso país.

Merece a consagração
 Do povo e da nação,
 Porque soubeste governar,
 Político íntegro e pioneiro.
 Não deixou o nosso dinheiro
 Desvalorizar-se... (JESUS, 1996, p. 118).

A relação entre pobreza e riqueza está demarcada no poema Rico e Pobre, onde Carolina Maria de Jesus demonstra o descontentamento de quem esteve nas duas condições:

Bateu na porta: era a pobreza
 Recebi altiva: era a riqueza
 –O que vens aqui fazer?
 A pobre soluçando diz:
 –Riqueza eu sou infeliz!
 Venho pedir-lhe para comer.

Levanta altiva a riqueza
 Recolhe as migalhas da mesa
 Dá à pobre e vira-lhe as costas
 Que Deus lhe aumente senhora
 A rica não deu resposta
 E a pobre de alegria chora [...] (JESUS, 1996, p. 179).

Antologia pessoal (1996) é a representação poética de Carolina Maria de Jesus realizando denúncia social, defendendo o patriotismo e dando visibilidade ao sofrimento dos silenciados, dos humilhados, dos destinados à margem, no sentido pejorativo da expressão.

No ano de 2014, foi lançada a obra **Onde estaes felicidade?** pela editora Me Parió Revolução, organizada por Dinha e Raffaella Fernandez. Prefaciada por Raffaella Andrea Fernandez, professora de Teoria e História da Literatura da

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é composta por dois textos inéditos, sete ensaios sobre Carolina Maria de Jesus e alguns manuscritos.

Dinha e Fernandez (2014) admitem que a escolha dos dois textos inéditos publicados, **Onde estaes Felicidade?** e **Favela**, deu-se pelo fato de que:

[...] neles, poderemos acompanhar a versatilidade dessa escritora, que vai desde o testemunho embotado de um drama real ao gênero conto, carregado do lirismo e da beleza que Carolina de Jesus buscou em sua trajetória quixotesca de devires criativos, como figurinista, dramaturga, romancista, poeta, diarista, musicista e atriz (DINHA; FERNANDEZ apud JESUS, 2014, p. 11).

A pesquisadora afirma ainda que é perceptível reconhecer na reescrita de **Onde estaes Felicidade?** o protagonismo de Carolina Maria de Jesus na tentativa de usar processos elaborativos que vão desde a preocupação com as correções de pontuação à escolha das palavras, além de perpetuarem o pensamento da escritora sobre diversos temas, inclusive o que está relacionado ao seu inconformismo em relação ao lugar social e político da mulher.

Já em **Favela**, há uma Carolina Maria de Jesus que precede **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, em uma narrativa autodiegética interposta de citações e com a intertextualização do poema sobre Getúlio. A estrutura narrativa do texto está calcada na ocupação da favela e na maternidade.

As organizadoras da obra se respaldam da originalidade textual encontrada na pesquisa realizada, afirmando que:

Os textos aparecem com rasuras e alterações, que foram feitas por Carolina de Jesus em diferentes momentos de sua reescrita, mas respeitadas aqui de acordo com a última alteração. No entanto, o estabelecimento destes textos suscitou diversas hesitações, as quais somente sua autora poderia definir, mas foi feito com verdade e dedicação de uma leitura que segue as trilhas carolinianas durante uma longa caminhada, capturada por surpresas a alicerçar o infindável entusiasmo de um estudo que não cessa de pulsar. Além disso, esta publicação tem o objetivo de revelar uma Carolina de Jesus mais literata, a criadora de uma obra que começa a se delinear realmente literária para saciar a um público ávido por sua leitura (DINHA; FERNANDEZ apud JESUS, 2014, p. 12).

Nos sete ensaios os autores dissertam sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus enquanto mulher, negra, periférica, escritora, poeta, brasileira e humana. Iniciam com a indagação/afirmação de Geny Ferreira Guimarães sobre: Até onde

Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder; e conclui com Carta para Carolina Maria de Jesus de Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro.

Onde estaes felicidade? é finalizado com a arte fotográfica de Sandrinha Alberti e *a posteriori* com imagens de alguns manuscritos de Carolina Maria de Jesus relacionados à obra.

Há inúmeras pesquisas relacionadas à vida e à obra de Carolina Maria de Jesus. No Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atualmente são registrados diversos estudos, nas seguintes áreas do conhecimento: Linguística, Letras e Artes, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Destas, apenas seis estudos mencionam o *corpus* desta pesquisa, ou seja, **Diário de Bitita**, mas não o investigam, o que torna ainda mais relevante o debruçar sobre esse texto.

Na dissertação de mestrado em Letras de Marcela Ernesto dos Santos (2009), apresentada na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, intitulada **MULHER E NEGRA**: as memórias de Carolina Maria e Maya Angelou, a pesquisadora apresenta reflexões sobre a condição dos afrodescendentes no Brasil, enfatizando a situação da mulher negra durante e depois do período escravocrata. Trata também da questão da literatura confessional sob a perspectiva das formas diário e memória, a fim de evidenciar suas conformidades e diferenças nas narrativas de memórias nas obras **Diário de Bitita** de Carolina Maria de Jesus e **I Know Why the Caged Bird Sings** de Maya Angelou.

Santos (2009) aborda a obra **Diário de Bitita** propondo uma análise em três aspectos: a família, a questão do sexismo e a identidade étnica. Na subseção A família, a pesquisadora escreve sobre os personagens presentes na obra, evidenciando seus vínculos emocionais, revelando as figuras do avô e da mãe como relevantes afetivamente para Bitita, com grande importância na sua formação. Apresenta também o descaso de alguns membros da família de Bitita, o que levou a pesquisadora constatar que:

Não resta dúvida de que Carolina Maria foi menosprezada por seus familiares quando mais necessitava de amparo. Os relatos de humilhação contrastam com a atitude de resistência de Carolina que, apesar de tudo, não teve a conduta moral abalada (SANTOS, 2009, p. 55).

Em A questão do sexismo, a pesquisadora faz uma crítica à condenação da mulher a uma submissão, valendo-se dos relatos presentes na obra, no que tange à influência da percepção das hierarquias de gênero. Para ela, Bitita, uma criança que tinha por volta dos quatro anos, percebe logo que sua imagem não se assemelha, mas, sim, se dissocia das outras que, segundo os parâmetros, são ideais de força e respeito, enfatizando em sua narrativa:

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar minha mãe e supliquei-lhe
 – Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos mamãe! Faça eu virar homem!...
 Quando eu virar homem vou comprar um machado para derrubar uma árvore. Sorrindo e transbordando de alegria, pensei que precisava comprar uma navalha para fazer a barba, uma correia para amarrar as calças. Comprar um cavalo, arreios, chapéu de abas largas e um chicote (JESUS apud SANTOS, 2009, p. 57).

A identidade étnica em **Diário de Bitita** traz à tona uma discussão sobre como a questão da cor da pele permeia toda a narrativa, abordando as formas pelas quais o preconceito é veiculado ao enfatizar os conflitos motivados pelo racismo. Segundo Santos (2009), nela:

Percebemos que a pluralidade de situações em que os negros são depreciados é imensa, entre elas podemos citar as relações amorosas impossibilitadas em função da cor, a prisão da mãe por razões discriminatórias, a impunidade de um soldado branco ao assassinar um nordestino negro, o ideal do branqueamento (SANTOS, 2009, p. 61).

A análise da relação tríade proposta por Santos (2009), presente na obra **Diário de Bitita** é perceptível em diversas passagens quando Carolina Maria de Jesus aborda de forma inquietadora, a revolta com a discriminação racial:

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca é um escudo, um salvo-conduto. [...] Eu já estava enjoada de ouvir preto e branco. Achava que os homens deveriam falar menos e trabalhar mais [...] (JESUS, 1986, p. 52 - 53).

Marcela Ernesto dos Santos (2014), na sua tese de doutorado em Letras sequencia seus estudos pautados na escrita autobiográfica, agora, valendo-se das obras **I know why the caged bird sings** (1969), **Gather together in my name** (1974), de Maya Angelou, **Diário de Bitita** (1982) e **Quarto de despejo: diário de**

uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus. Na pesquisa, a autora busca evidenciar as obras como a forma de expressão que apontam relatos acerca das mazelas enfrentadas pelas personagens, e também sinaliza o caráter opressor vivenciado pelas mulheres negras.

Em **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida da Literatura Brasileira, da pesquisadora Christiane Vieira Soares Toledo, há um entrecruzar dos diários de Carolina Maria de Jesus, **Quarto de despejo**: diário de uma favelada; **Diário de Bitita**; **Casa de alvenaria**, e o seu modo de representação na escrita de si no gênero autobiográfico.

Na tentativa de voltar o tempo, registrá-lo exatamente como ocorreu, e trazê-lo em diálogo com o “hoje”, a autora dessas memórias perpassou a vida infantil e a entrada na juventude acreditando ter apresentado o início de sua vida com exatidão. A Carolina criança não estava em sintonia com a jovem e, tampouco, com a “mulher” de Quarto de despejo, que também diferiu da sua “outra” de Casa de alvenaria (TOLEDO, 2011, p. 82, grifos da autora).

Fernanda Rodrigues Miranda em **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética investiga a intervenção do editor na construção da **escritora favelada** e o impacto na sua trajetória discursiva. Faz também uma crítica aos estudos das obras de Carolina Maria de Jesus apenas pela vertente sociológica, salientando o caráter estético e a subjetividade através da palavra escrita exercida pela autora. Na subseção “Um Brasil para os brasileiros” e a vida de Bitita [grifo da autora], Miranda (2013) aborda a construção do foco-narrativo formulado pela perspectiva do não-lugar dos negros no quadro social da cidade de São Paulo e a elaboração de uma ficção de si pelas memórias da escritora.

Diário de Bitita é uma narrativa de memórias. Sua matéria é, portanto, o passado distante daquele que escreve. Como é comum ao gênero, “nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados” (MELO MIRANDA, 1992 apud MIRANDA, 2013, p. 142, grifo da autora).

No ano de 2016, há duas publicações catalogadas na CAPES, uma dissertação de mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina, e uma tese de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, que citam **Diário de Bitita** como uma importante obra da escritora

Carolina Maria de Jesus, contudo, ambas enveredam para uma perspectiva sociológica que não condiz com o escopo desta pesquisa.

Situadas as vozes que Carolina Maria de Jesus representa, considera-se que há nos seus escritos uma forma especial de denunciar as agruras de um povo à margem. Mesmo após mais de 50 anos do seu aparecimento, ainda há quem questione o lugar literário das obras de Jesus e, por conseguinte, desconhece a riqueza presente nos seus relatos. Há de se investigar as memórias de uma autora que viveu os limites da existência subalterna, e manteve a consciência do poder da palavra.

É nesse sentido que a obra **Diário de Bitita** deve ser analisada: com uma liberdade de quem, supõe-se, queria demonstrar a vida simples, convicta de que a palavra tem poder, e que esta deve ser usada tanto para lutar contra as adversidades, quanto para demonstrar a beleza da vida nas situações mais simples.

Assim sendo, na próxima seção será tratada a perspectiva testemunhal na referida obra, bem como a proposição de análises sobre o sentido do que se concebe enquanto Literatura de Testemunho na contemporaneidade.

3 O TESTEMUNHO: A ESCRITA LITERÁRIA E SUA RELAÇÃO COM O REAL

A verdade é que esse limite entre a ficção e a “realidade” não pode ser delimitado. E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no “real” para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura (Márcio Seligmann-Silva, 2003, p. 375, grifos do autor).

Por meio de pesquisas e teorias na literatura, convencionou-se denominar de testemunho, a **escrita do eu**, uma narrativa retroativa de experiências traumáticas, de lembranças do sujeito que sofreu ou presenciou a experiência limite, o choque com o que é concebido enquanto realidade. Ou seja, entende-se que a literatura de testemunho seja caracterizada como a **narrativa do real traumático**.

O debate sobre o valor estético de obras literárias vem sendo delineado pela crítica literária com uma carga tensional motivada por reflexões acerca de seus fundamentos. A reflexão sobre o conceito de testemunho é um desses momentos de tensão por problematizar o que Márcio Seligmann-Silva (2003) denomina divisão estanque entre o discurso dito denominativo-representativo e o dito literário, sem o apagamento da fronteira existente entre os termos.

Há tempos que o testemunho tem sido um aspecto que vem despertando a atenção de estudiosos em diferentes campos do conhecimento. Tendo como origem a área jurídica, o relato testemunhal na literatura é analisado a partir do aspecto não-confessional, presente nos relatos autobiográficos, com uma audição aguçada e um olhar atento ao testemunhar uma cena, uma fala e a subjetividade de um pensamento. Conforme Seligmann-Silva (2005):

A questão do testemunho tem sido cada vez mais estudada desde os anos 1970. Para evitar confusões, devemos deixar claro dois pontos centrais: a) ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.85, grifos do autor).

Pensando nisto, é de relevância recordar o pensamento de Seligmann-Silva (2003), quando afirma que a literatura de testemunho é uma vertente da literatura que surge em uma época de catástrofes questionando os limites pressupostos entre

o seu compromisso com o que se considera real e o caráter ficcional recorrente e comum na escrita literária. Sendo assim, nesta seção, buscar-se-á conceituar historicamente a literatura de testemunho e analisar essa vertente no relato de Carolina Maria de Jesus inscrito na obra **Diário de Bitita** (1986).

3.1 O CONCEITO DE TESTEMUNHO

Conforme enuncia Achugar (apud Penna, 2003, p. 321), originalmente, a palavra testemunho vem do grego para mártir, aquele que dá fé de algo e supõe o fato de se haver vivido ou presenciado um determinado fato. Entre os gregos, realmente, o uso de mártir conota sofrimento ou sacrifício e atende basicamente ao fato de ser fonte de primeira mão. Ao passar ao latim, e sobretudo com o advento da era cristã, mártir adquire o significado hoje vigente daquele que dá testemunho de sua fé e sofre ou morre por isso. Seligmann-Silva (2005) afirma que:

Na América Latina, o conceito de testimonio foi desenvolvido nos países de língua espanhola a partir do início dos anos sessenta. Diferentemente do que ocorre na reflexão sobre o testemunho da Shoah na Alemanha, na França ou nos EUA, na Hispano-América passa-se da reflexão sobre a função testemunhal da literatura para uma conceitualização de um novo gênero literário, a saber, a literatura de “testimonio” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88-89, grifo do autor).

Sendo inicialmente usado no ambiente jurídico, o testemunho, no âmbito literário, põe em questão as fronteiras entre o que é literário, fictício e descritivo. Aponta ainda a possibilidade de que, como esclarece Seligmann-Silva (2005), não existe grau zero da escritura, ou seja, a literatura está ali onde o sujeito se manifesta na narrativa, não deixando de reconhecer que, por outro lado, o histórico que está na base do testemunho exige uma visão referencial, que não reduza o real à sua ficção literária. Ou seja, o testemunho impõe uma crítica da postura que reduz o mundo ao verbo, assim como solicita uma reflexão sobre os limites e modos de representação. O mesmo teórico acrescenta que:

O modelo do testemunho como superstes tem a audição e não a visão em seu centro. Pensar a história a partir dele significa aprender a diminuir o papel dado ao *ístor* do termo e se pensar em uma história mais auricular: aberta aos testemunhos e também ao próprio evento do testemunhar. Sem reduzir o testemunho a meio. O modelo do testemunho como *testis* é visual e corresponde ao modelo do saber representacionista do positivismo, com

sua concepção instrumental da linguagem e que crê na possibilidade de se transitar entre o tempo da cena histórica (ou a “cena do crime”) e o tempo em que se escreve a história (ou se desenrola o tribunal) (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 81, grifos do autor).

No campo testemunhal, encontram-se dois elementos que se apresentam, em diferentes maneiras, variando conforme o autor e a memória, que é o testemunho da história no sentido de **testis** e o testemunho da experiência, no sentido de **superstes**.

Tende-se a observar, na obra de Carolina Maria de Jesus, um testemunho não metafórico que vislumbra imagens, apesar de desprovido de uma ordem cronológica, que inspiram um ritmo na escrita, muitas vezes se desdobrando em características bem sensíveis, ao ponto de sensibilizar o leitor. Outro aspecto que reforça o teor testemunhal do diário é a métrica desse gênero textual, presente nos manuscritos, através da caligrafia, das rasuras e as anotações na marginália. Análogo ao que reconhece Seligmann-Silva (2010), é como se no diário se fundissem **autor**, texto e temporalidade. Segundo o teórico,

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É evidente que não existe uma transposição imediata do ‘real’ para a literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é *marcada* pelo “real” que resiste à simbolização (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.382-383, grifos do autor).

Phillipe Artières (1998) afirma que em um diário íntimo, normalmente, registramos apenas alguns acontecimentos e omitimos outros; acrescentamos ou corrigimos coisas, e vai além: para o autor, o arquivar a própria vida é querer testemunhar. Nesse âmbito, considera-se relevante investigar a perspectiva testemunhal na obra de Carolina Maria de Jesus.

No contexto literário, o testemunho tende a fundamentar a relação existente entre a literatura e a realidade, ou seja, o que é ficção e o que é contexto real nas obras. O debate crítico sobre testemunho na literatura tem levantado hipóteses que divergem, uns buscam associá-lo à responsabilidade social diante do passado, e outros defendem a ideia de que o testemunho pode comprometer a interpretação da história, pois afirmam que a literatura não é mera reprodução do mundo. O próprio Seligmann-Silva (2008) assevera que mártir

[...] é aquele que sofre e morre para testemunhar sua fé. O mártir (do grego *mártus-uros*, aquele que testemunha, ou seja, que percebe o mundo), ao testemunhar de modo único esta fé universal, torna-se ele mesmo um exemplo, um modelo, uma vida exemplar, que as hagiografias até o século XX reproduziam com certo sucesso. Aquele que testemunha um fato excepcional muitas vezes torna-se também uma figura exemplar. Sabemos do valor atribuído em nossa sociedade aos sobreviventes. Eles representam exemplos únicos daqueles que viram de perto atrocidades inomináveis. Eles portam estas verdades e são tratados como porta-vozes delas (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 74, grifos do autor).

Seligmann-Silva (2003) afirma que o conceito de *testimonio* foi desenvolvido na América Latina a partir dos anos sessenta, e foi revelado como um novo gênero literário, como a **literatura de *testimonio***. A política da memória convergia entre política e literatura enquanto eixos partidário e cultural. O gênero testemunhal assumiu uma perspectiva de luta de classes, tendo sido considerado o ideal para representar os dilemas dos oprimidos.

O autor ressalta que Cuba teve relevante participação na institucionalização do gênero testemunhal, ao revisar e recontar a história sob a perspectiva dos excluídos do poder e os explorados economicamente. De acordo com Seligmann-Silva (2001), o Centro Cultural Casa de las Américas havia sido fundado no ano da revolução de 1959, criando a revista **Casa de las Américas** que teve a função de estabelecer um elo de comunicação com os países irmãos do continente.

A escritora **Carolina Maria de Jesus** foi citada na edição número 3 da revista (outubro-novembro 1960) onde aparece a noção de *testimonio*, ainda que com um valor mais histórico que de literatura de testemunho. A obra **Quarto de despejo**: diário de uma favelada foi definida como um testemunho sociológico relevante para o reconhecimento da situação de desamparo e miséria em que vivia grande parte da população brasileira. Nesta época, o teor testemunhal ainda era considerado como uma relação idêntica ao documental.

Seligmann-Silva (2001) propõe um esquema na tentativa de caracterizar a literatura de *testimonio*. Primeiramente, revela o **evento** em que esta literatura apresenta-se como um registro histórico, tendo como função comprovar as provas adversas à história oficial. Revela também, o papel da **pessoa que testemunha**, sob a perspectiva da *testis*, ou seja, um terceiro elemento de ordem jurídica, narra o fato observado, sendo capaz de comprovar e certificar a veracidade dos fatos.

A terceira característica é o próprio testemunho e o caráter realista das obras. Para o teórico, o testemunho é não-fictício e profundamente marcado pela oralidade,

denominação esta que revela uma “literatura que nasce da boca e não da escritura, de uma população explorada e na maioria das vezes analfabeta” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 77). Portanto, é possível identificar uma controversa valorização dos traços na escrita de *testimonio*, ao lado da crença da representação da voz na escrita.

O quarto elemento característico é a cena do testemunho sob um viés jurídico, ou seja, a cena do tribunal. A estratégia realista tem a citação como denominador comum entre a literatura e o tribunal. Nesta concepção de literatura testemunhal, espera-se que o leitor exerça o olhar questionador da descrença.

A última característica centra-se na intenção, desde a década de 1960, em caracterizar a literatura de testemunho como uma cria da literatura regionalista, permeada pelos gêneros crônica, confissão, hagiografia, autobiografia, reportagem, diário e ensaio.

Seligmann-Silva (2005) aponta que o testemunho tem sido objeto de investigação de estudiosos dos mais variados campos do conhecimento. A Teologia estuda o testemunho como afirmação e revelação da fé; o Direito estuda criticamente a própria possibilidade do testemunho como verdade; a Psicologia aborda o testemunho do ponto de vista comportamental e da narrativa de uma situação traumática; no campo literário o conceito de testemunho busca estabelecer as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo.

Na teoria literária, podemos perceber, nos últimos anos, grosso modo, dois grandes campos de discurso sobre o testemunho que têm se aproximado cada vez mais ultimamente. De um lado, a noção é pensada, no âmbito europeu e norte-americano, a partir da experiência histórica dessas regiões e países, de outro, o conceito de “testimonio” tem sido pensado a partir da experiência histórica e literária da América Latina (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.86, grifo do autor).

Conforme expressa Salgueiro (2011), pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as relações existentes entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma.

No Brasil, os estudos sob o ponto de vista testemunhal são um campo investigativo que ainda está se consolidando, tendo em vista a dicotomia entre o comparativo desse estilo e as diferentes literaturas. Não cabe mais pensar uma literatura de testemunho, no contexto da Literatura Brasileira, que se limite a ampliar

as possibilidades do leitor em vislumbrar uma literatura saturada de contato com o cotidiano e uma estrutura social violentos e com práticas de exclusão social e étnica.

Nesta pesquisa concebe-se a Literatura de Testemunho como um gênero que agrega valores memorialísticos no campo literário contemporâneo, pois entende-se que a *superstes* e *testis* possuem a percepção imprescindível para representar a relação intrínseca entre realidade e literatura.

Na próxima seção têm-se o propósito de analisar e demonstrar como o caráter testemunhal está presente nas escrituras de Carolina Maria de Jesus, principalmente, na obra investigada, **Diário de Bitita**.

3.2 A PERSPECTIVA TESTEMUNHAL NA OBRA DE CAROLINA

No texto autobiográfico e memorialístico de **Diário de Bitita**, nota-se o molde dado por Carolina às suas próprias lembranças, os mínimos detalhes, o que vai além do trabalho da memória, resultando na transformação desta em texto, em literatura.

Minha mãe deixava o leito assim que o astro-rei ia surgindo, ia preparar a nossa refeição para irmos para a lavoura. Eu permanecia no leito, ouvindo os gorjeios das aves. Com a insistência de mamãe, eu deixava o leito, ia aleluiar no regato, fitando a água que promanava do seio das pedras cor de chumbo e era sempre tépida. A brisa perpassava suavemente. Eu aspirava os perfumes que exalavam as flores silvestres (JESUS, 1986, p.130).

Na obra póstuma de Carolina Maria de Jesus também há relatos de um inconformismo social, portanto político e econômico, relacionado às condições impiedosas das mulheres pobres que viviam um cotidiano muito próximo ao das pessoas da periferia.

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares (JESUS, 1986, p. 32).

A narrativa confessional na obra da escritora mineira revela as condições subhumanas de sobrevivência de quem vive à margem, entrelaçando as relações amorosas, a dor da fome e do frio, a dificuldade financeira para alcançar sonhos e um olhar crítico sob o panorama político. Carolina Maria narrou que não lhe agradava como os pobres viviam. Não podia nem classificar aquilo de vida, sofriam

mais do que os animais, que luta para conseguir dinheiro nas cidades do interior (JESUS, 1986, p. 96).

No **Diário de Bitita** as memórias se fazem presentes em toda a sua estrutura. Nele a autora enuncia sobre uma infância marcada por sonhos, renegação e conflitos. Percebe-se uma vertente indagadora da menina que tinha o desejo de experimentar as coisas e entendê-las. De uma garota simples que gostava de dançar e observar tudo e todos:

À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: “Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? Sábado hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo?” (JESUS, 1986, p. 10, grifos da autora).

Para o escritor Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida é arrumar, desarrumar, reclassificar memórias que constroem uma imagem de si para si mesmo, e às vezes para os outros, com o que há de mais plausível demonstrar quem realmente somos. É se pôr no espelho, é se contrapor à imagem social e à imagem íntima de si próprio, e nesse sentido tornando-se uma prática de construção de si mesmo e de resistência. Salienta ainda que:

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÈRES, 1998, p.11).

Ao arquivar a própria vida, Carolina Maria de Jesus não o faz apenas como uma função ocasional, mas em uma intenção reflexiva e de ascensão, de manter arquivos para recordar e tirar lições do passado na esperança de um presente e um futuro diferentes. Como catadora, extraía do lixo encontrado escritos que chamavam sua atenção para a leitura, e a motivaram a narrar vivências, refletindo sobre um contexto das mazelas sociais e o desejo que move a humanidade de ascensão social.

Artières (1998) propõe três relevantes aspectos dos arquivos do eu: a injunção social, que revela a função e o valor social dos arquivos de vida; a prática de arquivamento que explora as maneiras de arquivar a vida; e, finalmente, a intenção autobiográfica, que estabelece uma relação íntima com a prática.

O autor expõe que tudo passa pelo escrito: a utilização do tempo passado e do tempo futuro, o nascimento, a descendência, o domicílio, e é através destes elementos que o arquivamento pessoal vai sendo alimentado. Vamos nos transformando em baús, a partir da nossa inscrição no universo com a certidão de nascimento e seguimos selecionando, organizando e classificando-os pelo grau de importância que eles têm na nossa vida.

Em **Memórias de si ou...**, o professor e escritor Renato Janine Ribeiro (1998) questiona a possibilidade de colecionar memórias de si, independente de ser famoso, e o mesmo responde:

Podemos ter memórias de si, em que a pessoa mesma se relata, embora não sendo famosa. Algumas dessas memórias acabam publicadas e adquirindo destaque, geralmente por sua qualidade literária ou por captarem admiravelmente bem o espírito de uma época passada. Contrastam-se assim, no interior da atividade memorialística aquela que seria efetuada pelos já famosos, com o fim, mesmo que não exclusivo, de ampliar sua fama, e a promovida por autores desconhecidos, com outros sentidos e alcance. No primeiro caso a qualidade da memória se mede pelo valor-depoimento de fatos históricos [...], no segundo, seu valor histórico depende de outro sentido de história, não a grandeza, não o fato político, mas o testemunho que oferece da sociedade (RIBEIRO, 1998, p. 38-39).

Para Michael Pollak (2010), em **Memória e identidade social**, inicialmente a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo. No entanto, o escritor ressalta que ela deve ser entendida também como algo construído coletivamente e submetido a transformações.

Justificando sua tese, o autor aponta dois elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva. O primeiro são os acontecimentos vivenciados pelo sujeito. Em segundo lugar, são os acontecimentos vividos, ativa ou passivamente, pela coletividade de pertença ao sujeito.

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 2010, p. 5).

Carolina Maria de Jesus apresenta ter sido uma grande colecionadora de memórias de si, e suas obras revelam o caráter coletivo enunciado por Pollak

(2010). Mesmo não sendo famosa, escrevia para esquecer dos problemas vivenciados no cotidiano. A escritora, todavia, buscou incessantemente a fama, sem medir as consequências. Após o estrondoso sucesso de **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, quando ganhou fama e dinheiro, a decadência midiática iniciou e aconteceu o que ela mais temia, cair no anonimato novamente. Com o dinheiro, investiu em outras publicações a fim de reconquistar seu espaço, mas não logrou sucesso, voltando às origens de uma escritora à margem do mercado editorial.

Anteriormente a essas vivências, relatou as angústias quanto à situação designada aos negros na sociedade da época; os afetos e desafetos entre os seus familiares, principalmente com sua mãe; e as suas meninices no interior de Minas Gerais, demonstrando uma narrativa que combinava certa inocência e criticidade:

Vestia um vestido de minha mãe, amarrava um barbante na cintura e pulava o muro da vizinha, trepava nas árvores, colhia as frutas, ia introduzindo-as dentro do seio, depois descia e ia saboreá-las.

Mas não sentia tranquilidade interior. O meu subconsciente me advertia que havia praticado um ato indigno. Eu não tenho coragem de roubar. Devo e deverei lutar para conseguir tudo com honestidade. [...] Se o homem rouba, é porque ele é canalha (JESUS, 1986, p. 54).

Eu pensava: “Meus Deus! Quem foi que começou esta questão, foi o preto ou foi o branco? Quem procurou o preto? Se foi o branco quem procurou o preto, ele não tem direito de reclamar. O negro não invadiu suas terras, foram eles que invadiram as terras dos negros”. Ninguém para me explicar. A minha mãe já estava saturada com as minhas perguntas (JESUS, 1986, p. 60, grifos da autora).

Minha mãe disse que bebeu inúmeros remédios para abortar-me, e não conseguiu. Por fim desistiu, e resolveu criar-me. Não fiquei triste, nem revoltada, talvez seria melhor não existir. Porque eu já estava compreendendo que o mundo não é a pétala da rosa. Há sempre algo a escraviza-lo (JESUS, 1986, p. 60).

Nos testemunhos autobiográficos, extraídos da obra investigada nesta pesquisa, é possível constatar a aproximação de situações gerais, como, as relações traumáticas entre negros e brancos, as questões de moralidade (furto) e familiares, que demonstram a figura de uma mulher forte e engajada, para a qual a literatura não se limitava ao resgate de sua condição na esfera sociológica, mas o próprio sentido de sua existência, um instrumento para fugir dos pensamentos suicidas e da fome.

O autor francês Philippe Lejeune (2008), em **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet, define o conceito de autobiografia. Segundo ele, o mesmo teve sua origem na Inglaterra e chegou até o Brasil no século XIX. A definição proposta

atribui dois sentidos à palavra, inicialmente como um texto confessional, no qual há um relato sobre a própria vida do autor e o registro de um passado. O segundo sentido enfoca a concepção memorialística do texto, onde os fatos escritos podem ser alheios à vida do narrador/autor.

Lejeune (2008) define ainda que a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14), demonstrando a necessidade de haver uma relação identitária na relação tríade entre autor-narrador-pessoa.

O gênero textual Diário tem essa função confessional. Por meio de uma linguagem que não segue os padrões formais, valendo-se da espontaneidade no contexto verbal escrito e de um texto em primeira pessoa, muitas vezes impede a demarcação da intenção do interlocutor, se este seria real ou fictício.

Neste gênero, quando autoras e autores apresentam páginas que confundem a vida da escritora com a protagonista, torna-se complexo analisar se são aspectos ficcionais, e se são inverdades, pois, mesmo distintos, pode haver uma relação entre esses elementos no cenário de uma obra literária. No **Diário de Bitita** o leitor fica tocado pelos pensamentos evoluídos e o posicionamento empoderado da menina Bitita, sob o olhar literário da mulher Carolina Maria de Jesus.

Essa aproximação do que é real com o que é literário está muito presente nas obras de cunho confessional e testemunhal, pelo estilo discursivo que tende a estabelecer uma comparação entre aquela que escreve e a personagem.

Seria excludente propor uma separação da literatura confessional com o sentido literário, pois vive-se em um tempo em que as formas narrativas menos tradicionais vêm ganhando espaço no gosto da maioria dos leitores. É possível constatar que relatos, autobiografias, memórias, diários, e todo o universo da escrita confessional, aparecem em destaque nas livrarias e nas listas de livros mais vendidos de **ficção e não ficção**.

Ressalta-se, aqui, a possibilidade que o texto literário tem de retratar um emprego específico da linguagem, que desperta um interesse em investigar suas possibilidades interpretativas. A linguagem literária pode transformar e intensificar a realidade que está sendo apresentada alçando a obra a um patamar canônico. Além de valores estéticos, existem as instâncias que legitimam essa atribuição.

Neste sentido, acredita-se que seja imprescindível, na contemporaneidade, o reconhecimento e legitimação da diversidade linguística e textual existente, com o intuito de desmistificar preconceitos e pós-conceitos quanto às produções de outros gêneros de criação, como o Diário, não cabendo estabelecer comparações que enalteçam algumas obras em detrimento de outras criações, mesmo porque, os critérios que canonizam uma obra são variáveis.

Diante do fato de que a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Estadual do Centro-Oeste, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade do Estado de Santa Catarina e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul já indicaram a obra **Quarto de despejo**: diário de uma favelada como leitura obrigatória para o processo seletivo do ano de 2019, deve-se considerar que esta obra, hoje, faz parte de um cenário canônico. Pois, uma obra pode ser elevada a este patamar por ser legitimada no mercado editorial, por grupos de críticos intelectuais prestigiados ou pelas universidades, como é o caso em questão.

Pensando nos elementos que viabilizam a ascensão de uma obra na literatura, tem-se no gênero confessional/testemunhal a validade literária e histórica, por, na maioria das vezes, conter registros de fatos, conflitos e segredos de uma determinada época. Carolina Maria de Jesus, em **Diário de Bitita**, revela o contexto histórico e político da época, com passagens relevantes:

O povo dizia que o senhor Artur Bernardes², antes de nascer, havia feito um curso diplomático, no ventre de sua mãe. Ele venceu os seus opositores com a sua arma poderosíssima: a educação. Podiam brigar com ele, mas ele não brigava com ninguém. Era um homem que cresceu e tornou-se um homem. Não era desses tipos que são apenas homens na estatura. Mas continuam molecotes, infantis (JESUS, 1986, p. 38).

E os homens, quando se reuniam, falavam no Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensava; “Será este o político que vai preparar um Brasil para os brasileiros?” Ele havia reanimado o povo, aquele povo apático, “deixa pra amanhã”, estava sonhando, idealizando e projetando, porque podia confiar no governo que não decepcionava (JESUS, 1986, p.158, grifos da autora).

Era o ano de 1936. O povo dizia que estava enriquecendo com o estilo do Getúlio governar o país. Os impostos não eram onerosos. Em todos os bares e outros estabelecimentos estava exposto o retrato do nosso proeminente chefe da Nação. Os comerciantes quando davam balanços tinham um saldo favorável. Os preços eram fixos de ano para ano. Quando o operário recebia o seu dinheiro, já era designado para isto ou para aquilo. Que povo alegre! (JESUS, 1986, p. 189).

²Artur Bernardes foi presidente do Brasil de 1922 a 1926.

O possível cerne testemunhal de Carolina Maria de Jesus, na obra **Diário de Bitita**, consiste na narração da experiência da marginalização social por ser mulher, negra, mãe solteira e moradora da favela; na sua relação desde a infância com seus familiares; na importância que dava para a educação e a leitura, do caráter politizado de quem não tinha muito para adquirir conhecimento, mas tinha o bastante para buscá-lo.

Após reconhecer o caráter biográfico confessional em Carolina Maria de Jesus, nota-se uma sobreposição do **superstes** sobre o **testis**, reunindo a sinceridade do relato e a elaboração literária do texto. Mesmo com evidências testemunhais tão relevantes que aproximam obra e autora, constata-se que não há como delimitar a relação entre a **ficção** e a **realidade**, perceptíveis nesta narrativa, conforme afirma Seligmann-Silva (2003).

Eu já estava conformada: os negros não tinham possibilidades de morar nas casas bonitas com vidraças e jardins. Minha mãe me dizia: — Minha filha, é tolice ambicionar o que não podemos conseguir, poderemos ser felizes morando dentro de uma casca de ovo.

Que vontade de morar numa rua calçada e com luz elétrica. Mas as ruas que eram calçadas, iluminadas, eram para os ricos. A luz dos pobres eram as lamparinas a querosene e o ferro a carvão (JESUS, 1986, p.80)

O testemunho **superstes**, exposto na obra da autora, é marcado por protagonistas que, possivelmente, fizeram parte da sua infância, não havendo, portanto, um distanciamento entre a autora, o narrador e as personagens, pois todos e todas são de origem de um mesmo território e enfrentam as mesmas agruras da vida, relacionadas aos aspectos social, econômico e político.

Estas agruras, de acordo com a obra **Diário de Bitita**, fizeram parte da vida da personagem Carolina Maria de Jesus desde muito cedo, pois, no transcorrer da obra, aparecem relatos como o anterior, que declaram o desejo de sair do contexto vivido para um lugar onde as mazelas vividas tivessem papel secundário.

Subjugar a obra da escritora apenas sob o viés de uma narrativa ficcional de testemunho, de forma depreciativa, é, no mínimo, um retrato que enfatiza a sua condição de subalterna definida socialmente pelo contexto sociológico elitizado dominante, e de marginalizada literariamente por não se adequar aos parâmetros dos cânones. De acordo com Seligmann-Silva (2010),

Nossos testemunhos estão sufocados pelas amarras de uma “política do esquecimento” que não conseguimos até agora desmontar. De certa maneira, podemos dizer que as vítimas e aqueles que lutam pela verdade, pela memória e pela justiça ficam relegados pelos donos do poder a uma posição melancólica, difícil de aceitar e de com ela conviver. Ela destrói (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.14, grifo do autor).

No **Diário de Bitita** tem-se uma obra que permite uma proximidade entre a personagem e o testemunho em si, da mesma forma como tende-se a ver o diário como sendo relatos fiéis das marcas de uma realidade. Portanto, há também uma relação entre o processo histórico e a memória, entre as situações cotidianas e as narrativas, e o simbólico e o **real**. É preciso considerar, ainda, que não existe a possibilidade de separar os dois sentidos, porém Seligmann-Silva (2010) propõe:

[...] minha proposta é entender o testemunho em sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e a capacidade de julgar: um elemento completa o outro, mas eles se relacionam também de modo conflituoso. O testemunho revela linguagem e lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.5, grifos do autor).

Além de propor o entendimento à complexidade do testemunho no campo literário, o autor reitera que a luta pelo testemunho é uma luta política que costura necessidades individuais às coletivas e às da sociedade. Deve-se mostrar que a cultura do esquecimento é apenas o outro lado de uma cultura do encobrimento. Além de proclamar que o testemunho, com todas as suas conhecidas limitações e impossibilidades, pode ser um caminho para esta volta do que foi e ainda é recalcado pelas nossas elites.

A literatura de testemunho vai além de um gênero literário, pois veio à tona em uma época de catástrofes, o que originou questionamento relativo ao seu compromisso com o real, que é diferente de realidade. É preciso compreender que, mesmo nas obras autobiográficas, existe um distanciamento desses termos, uma vez que não se pode comprovar que o que está escrito revela, literalmente, a realidade.

Ao analisar o testemunho sob uma vertente pós-moderna, Seligmann-Silva (2003) aponta que não há mais espaço para as verdades eternas ou para as leis universais, o que subsidia a ideia de que a ação de falar por/de si próprio não deve

ser renegada no âmbito literário apenas por uma institucionalização elitista que diferencia esse tipo de relato de forma pejorativa.

João Camillo Penna (2003), em **Este corpo, esta dor, esta fome**: notas sobre o testemunho hispano-americano, registra que, na América Latina espanhola, a relevância do testemunho está relacionada à possibilidade de ascender culturas que não fazem parte e/ou não são valorizadas no universo escrito, tendo em vista sua estrutura narrativa estar muito próxima da oralidade, portanto, ser considerada informal demais para ascender ao nível literário erudito.

No **Diário de Bitita**, observa-se uma prosa mais distante desse contexto oral enunciado por Penna (2003), diferente de **Quarto de despejo**: diário de uma favelada (1982), em que se nota a ocorrência de relatos contados em uma estrutura frasal sintática, sem uma preocupação ou cuidado com a normal culta, o que corrobora com o pensamento do autor, quando afirma que esse estilo estava destinado a sofrer o processo de exclusão e marginalização dos que não passam pelo processo de aquisição do código escrito através do contexto escolar, portanto não fazem parte da aristocracia literária estabelecida.

Por mais que a obra de **Carolina Maria de Jesus** esteja caracterizada como autobiográfica e confessional, ambos considerados gêneros que tratam de narrativas de histórias individuais, constata-se um caráter testemunhal pautado em uma enunciação coletiva de questões próximas do ambiente sociológico vivido:

Na segunda-feira eles deixariam a cidade de madrugada para chegar na roça às seis da manhã. Os homens deveriam levantar-se antes do sol aparecer no espaço. Se levassem depois, eram criticados pelos amigos:

— Ele é almofadinha, não gosta de levantar cedo.

Cada um pegava sua enxada. Trabalhavam comentando:

— Eu dormi com uma mulher branca.

O outro dizia:

— Eu dormi com uma pretinha, e dei cinco mil-réis pra ela.

— Eu dei dez para a branca

— Que tal é a mulher branca?

— Que tal é a mulher negra?

E cada um dava a sua opinião.

— Eu sempre falei que não haveria de morrer sem conhecer uma mulher branca.

— Você vê como é que o mundo já está melhorando, nós os negros já podemos dormir com as mulheres brancas. É a igualdade que já está chegando (JESUS, 1986, p. 45-46).

Quando os pretos falavam: — Nós agora, estamos em liberdade — eu pensava: “Mas que liberdade é esta se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Então o mundo já foi pior para os

negros? Então o mundo é negro para o negro, e branco para o branco!" (JESUS, 1986, p. 56, grifos da autora).

Para Deleuze e Guatarri (2015) cabe a literatura a função de positiva de enunciação coletiva, produzindo uma solidariedade ativa na crença do uso desta arte como uma máquina revolucionária que sensibiliza, provoca e educa aqueles que a utilizam como matéria-prima para suas contestações.

O sujeito testemunhal coletivo também faz parte da comunidade, portanto, torna-se representativo sem haver a necessidade de uma mediação intelectual. Referências como a que a autora faz aos homens e aos pretos, em ambos os trechos citados acima, não devem influenciar o leitor a uma interpretação, quanto ao vínculo estabelecido entre a protagonista e as vozes da comunidade que representa, visto que, essa representação não pode ser caracterizada como universal, mas, sim, como uma voz, de um lugar de fala local, da realidade vivida naquele contexto, por aqueles que ali habitam, entretanto, pode diferenciar de outros espaços e de outros indivíduos. Conforme Penna (2003),

O outro em mim ou eu no outro – eu falo pelo povo ou o povo fala através de mim – constituem processos reversíveis e complementares, baseados no intercâmbio e absoluta substituibilidade metafórica entre povo e eu (PENNA, 2003, p. 315).

Citando o exemplo da ativista política indígena quiche guatemalteca **Rigoberta Menchú**, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz no ano de 1992, ao analisar sua obra intitulada **Meu nome é Rigoberta Menchú e assim me nasceu a consciência** (1983), Penna (2003) alerta para o cuidado necessário em se valer da criticidade em uma ação leitora do testemunho subalterno, para distinguir as estratégias utilizadas pelos escritores em evitar, recusar e subtrair informações que, possivelmente, não querem torná-las públicas.

A autora de **Diário de Bitita**, mulher, negra, pobre, residente em uma favela, entre outras denominações demarcadas na sua vida, remete, com esses registros, a uma identificação com indivíduos que carregam os mesmos rótulos, promovendo, assim, uma relação com o grupo, que é uma relação coletiva, influenciadora, a ponto de tomar-se como realidade aquilo que revela seu texto. Ou seja, a proximidade das características que assemelham Carolina Maria de Jesus a um grupo marginalizado pode favorecer o entendimento da sua literatura, do seu testemunho, enquanto um

instrumento de luta pelas causas, em favor daqueles que se veem na mesma condição sociológica, o que legitimaria a voz da escritora para falar em nome deles. Neste sentido, Penna (2003) afirma que:

O protocolo do testemunho supõe um procedimento de **autorização**: sua origem oral autoriza-o, dando-lhe um formato documental de verdade; sua relação com um sujeito real autoriza-o como modelo comunitário; sua relação institucional (com o sistema universitário, intelectual, na figura do gestor, da editora, do grupo cultural ou político que se reclama do testemunho) autoriza-o como veículo político (PENNA, 2003, p. 322, grifo do autor).

Sobre a vertente política enunciada na citação anterior, a obra investigada traz no seu bojo relatos em que a escritora, através do discurso representativo que veicula, coloca-se em um patamar de defensora dos oprimidos que vivenciam ou presenciam as mesmas experiências coletivo-comunitárias. Tal representatividade está diretamente relacionada ao alargamento de fronteiras da perspectiva testemunhal contemporânea no campo literário, como uma forma de quebrar o silenciamento e dar voz às vítimas de uma sociedade elitizada e excludente.

Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala (JESUS, 1986, p. 56).

Nos relatos fragmentados, descentrados e de instância enunciativa embasada em uma perspectiva testemunhal presente na obra de **Carolina Maria de Jesus**, nota-se que sua voz traz elementos que enfatizam um engajamento político e moral, buscando recursos que lhe permitam uma ascensão social. A narrativa de descontentamento, tendo em vista a submissão dos negros e a superioridade dos brancos, está presente em todas as obras da escritora.

Tais relatos incorporam também o sentido testemunhal enunciado por Judith Butler (2015), quando afirma que:

[...] embora nem a imagem nem a poesia possam libertar ninguém da prisão, nem interromper um bombardeio, nem, de maneira nenhuma, reverter o curso da guerra, podem, contudo, oferecer as condições necessárias para libertar-se da aceitação cotidiana da guerra e para provocar um horror e uma indignação mais generalizados, que apoiem e estimulem o clamor por justiça e pelo fim da violência (BUTLER, 2015, p. 26 - 27).

Este brado pela paz e igualdade de condições a toda população marcam a escrita da autora, que, conforme mencionado na segunda seção, alcança o auge do sucesso em razão de sua forma de escrita íntima ter causado a comoção da crítica à época com o seu **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Acredita-se, contudo, que não cabe limitar as obras a apenas um valor documental, desconsiderando a magnitude das emoções e críticas descritas.

Apesar das dificuldades enfrentadas, no contexto atual, mulheres, negros, gays, entre outros grupos marginalizados pela sociedade na História e na Literatura, valem-se do testemunho para denunciar os traumas sofridos. A visibilidade e o empoderamento desses grupos se dão, ainda que timidamente, por meio das investigações realizadas no campo acadêmico. Esses utilizam a Literatura como um meio de exposição dos seus anseios, sofrimentos e dificuldades, tornando-a um veículo privilegiado.

Talvez a redução da escrita de Carolina Maria de Jesus a um caráter apenas testemunhal possa ter sido, pejorativamente, mais uma justificativa para a exclusão das suas obras, dos circuitos da elite dominante. O que veio a motivá-la à mudança e o desejo de querer ter uma vida melhor junto de seus filhos, escrevendo. Jesus (1986) dizia que não lhe agradava o modo de vida dos pobres por serem tratados com desumanidade.

Regina Dalcastagnè (2008) reconhece que o maior problema, no cenário literário, quanto à inclusão de artistas e autores que vivem à margem dos padrões institucionalizados, ainda é uma questão de legitimidade. Ela também afirma que:

Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la, quem sabe, ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao limbo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido pelos escritores da elite (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 81- 82, grifos da autora).

A noção de testemunho acionada pela autora está relacionada a um viés de exclusão das produções, como as de Carolina Maria de Jesus, de um circuito literário canônico, tendo em vista as características peculiares presentes na narrativa desse tipo de obra. Entretanto, na atualidade, mesmo que de forma tímida, já se tem a perspectiva testemunhal como uma categoria assumida dentro dos gêneros considerados literários canônicos.

A pesquisadora Elisângela Aparecida Lopes (2017) alerta para importância da denúncia social e da concepção testemunhal, presentes nos diários da escritora:

A escrita da experiência vivenciada ou a literatura de testemunho de Carolina Maria de Jesus caracteriza-se não só pela descrição intimista, mas também por um forte tom de denúncia. Nesse sentido, conforme nos alerta Ricoeur, a literatura de testemunho configura-se enquanto “huella sentimental” (marca sentimental), mas também como “huella social” (marca social): lugar de fala, manifestação da alteridade. Os constantes questionamentos político-sociais presentes no diário de Carolina, assim como as denúncias da discriminação social que sofria marcam a marginalização dentro da marginalização: Carolina era discriminada por ser pobre, negra, mulher, catadora de papel, mãe solteira e escritora. (LOPES, 2017, p. 2)

A escrita da experiência vivenciada ou a literatura de testemunho de Carolina Maria de Jesus caracteriza-se não só pela descrição intimista, mas também por um forte tom de denúncia. Nesse sentido, a literatura de testemunho configura-se enquanto uma marca sentimental e como uma marca social, onde se fundamenta o lugar de fala e a manifestação da alteridade, características presentes, constantemente, nos diários da autora, que revelam questionamentos político-sociais, denúncias da discriminação social que sofria, marcas da marginalização dentro da própria marginalização, tendo em vista que a escritora não era bem quista, nem pelos os vizinhos, que viviam e compartilhavam das mesmas condições sociais.

A pesquisadora Aline Alves Arruda (2015), na sua tese de doutorado, intitulada **Carolina Maria de Jesus**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enuncia sobre a presença da perspectiva testemunhal nos diários de Carolina Maria de Jesus, afirmando que:

[...] a escrita autobiográfica de Carolina de Jesus é trazida para a visibilidade, sua e do leitor, de maneira performática, numa forma de transmissão da memória, numa explicitação da experiência dela. No caso dos diários, um testemunho de “escrivência”; no caso das autobiografias como *Diário de Bitita*, além dessa experiência revelada, teremos a ficcionalização, de forma corporificada e híbrida, transgredindo o gênero (ALVES, 2015, p. 34, grifos da autora).

O apontamento da pesquisadora traz o testemunho, enquanto uma escrita de experiências-limite, conceituando os diários como relatos testemunhais de um tempo

apreendido por Carolina Maria de Jesus, que inventa o presente com seus resíduos e transforma-os em elementos autobiográficos na escrita.

A literatura, em muitas situações, configurou-se como uma forma de narrar o que é indizível. No entanto, se por um lado a literatura aparece como possibilidades narrativas de situações-limite, por outro, há a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante de fatos (inenarráveis), como também – e com um sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua consequente inverossimilhança (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46).

Para o teórico, testemunha-se algo excepcional e que exige um relato, algo que foge aos limites da compreensão humana e que precisa ser documentado, trazido à tona. Nesse sentido, a excepcionalidade do diário de Carolina Maria de Jesus é o relato da fome, que vai além da ausência de alimentos. Aqui se concebe o termo **fome**, de forma metafórica, como um desejo enorme de consumir arte, culturas diferentes, educação, e tantos outros recursos escassos para quem vive em um quarto de despejo.

No **Diário de Bitita**, a escritora narra vários acontecimentos funestos observados, algumas catástrofes, e seu descontentamento com a ambição das pessoas e com as adversidades:

O único mês que eu sabia que existia era o mês de maio. E os negros iam pedir esmolas. Saíam com uma bandeira com o retrato de são Benedito. Quando chegavam nas casas dos ricos, as madamas introduziam a bandeira dentro dos quartos e salas suplicando ao santo que lhes auxiliasse. Embora elas tivessem casas para morar e alugar, roupas bonitas, comida em abundância, automóvel, banheiros com água quente para tomar banho todos os dias. Vivendo com conforto, ainda pediam o auxílio dos santos. Puxa! Será que os ricos não se contentam com o que têm? Para que esses desatinos para ficar rico, se quando morre deixa tudo! Elas davam a esmola, mas faziam inúmeros pedidos (JESUS, 1986, p. 22).

O que eu notava é que nas festas dos negros os brancos não iam. Um dia apareceu um senhor que não tinha pernas. Distribui uns convites convidando o povo para ir ouvi-lo tocar violão no cine Recreio.[...] Não foi um sucesso.[...] Vaiaram o pobre homem!

–Fora! Vai tocar lá na China!

Que gargalhada. Todos sorriam, menos eu.

Porque a tristeza que notei no rosto do artista revelava que deveria existir qualquer coisa funesta na sua vida. Seria o complexo por não ter as pernas?

Tinha hora que eu tinha um medo do mundo! Era quando ouvia os homens falarem nas dificuldades que há para um homem encontrar trabalho. O mundo não é um paraíso para o homem. A guerra do Paraguai foi trágica, os homens matavam-se com canhões e bombas dinamites (JESUS, 1986, p. 23).

Carolina Maria de Jesus narrou a ambição humana e o medo do mundo. Há, por exemplo, uma passagem no diário da escritora que revela certa ansiedade em saber o porquê do ser humano ser tão cruel, como o relato de que certos empregados de um restaurante utilizavam ácido nas latas de lixo na intenção de evitar que os pobres pegassem os restos de comida. Relatou, também, seu descontentamento com as péssimas condições de higiene em que viviam. Em **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, a escritora relatou:

23 de maio Levantei de manhã triste porque estava chovendo. (...) O barraco está uma desordem horrível. É que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por hábito. Mas é as latas. [...] Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado [...]
 ... Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. [...] Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo o que nos rodeia (JESUS, 1960, p. 38, grifos da autora)

Tais relatos carregam problemáticas testemunhais que envolvem memória e experiências traumáticas de uma personagem, reveladora de situações conflituosas, recorrentes na vida dos sujeitos que vivem em contexto marginal. Assim sendo, a literatura, que por tanto tempo perdura no imaginário social como privilégio único de uma elite letrada, ganha espaço entre os que sempre estiveram à margem deste contexto, perpassa as vielas, as ruas, as celas dos presídios, e em tantos outros espaços, possibilita aos seus protagonistas deixarem o seu lugar de silenciados, para vociferar seus pensamentos, suas artes, sua voz.

Em face do exposto, considera-se que há uma perspectiva testemunhal no **Diário de Bitita**, tendo em vista o seu caráter denunciativo dos **traumas** sociopolíticos contextualizado à época de sua escrita. Nesta obra, nota-se que a literatura pode ser caracterizada como um instrumento de reflexão de alteridade, diante da enunciação coletiva realizada pela escritora.

Na seção subsequente, trata-se desta enunciação coletiva presente na obra da escritora, haja vista o cenário que compõe grande parte dos seus escritos estar ladeado por personagens que fazem parte do contexto da periferia; porém, buscando desconstruir a imagem conexas ao pobre, marginalizado e bandido, invertendo a concepção pela qual a narrativa é delineada, nos campos da literatura marginal/periférica.

4 CAROLINA MARIA DE JESUS: A DAMA DA LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

A denominada **literatura marginal** vem se manifestando pelas comunidades periféricas brasileiras, como uma forma de resistência daqueles que estão inseridos no contexto das periferias. A postura mobilizadora da comunicação e da produção traz em seu bojo uma narrativa que, por vezes, toma a forma de denúncia do abandono e da precariedade que ronda as comunidades excluídas. Observa-se que há um distanciamento significativo de interpretação relacional entre a periferia e a literatura.

Em seu livro intitulado **Vozes marginais na literatura**, a pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento (2009) afirma que:

[...] a junção dos termos “literatura” e “marginal” produziu uma categoria polissêmica e, portanto, falha como noção explicativa se não estiver contextualizada. Nos últimos anos, contudo, o uso do termo marginal por escritores das periferias brasileiras passou a assumir duas conotações e funções mais claras: apontar o contexto social ao qual os autores estão ligados – favelas, periferias e presídios –, e indicar que a literatura que estão produzindo expressa “o que é peculiar aos sujeitos marginalizados, como negros, pobres, presidiários etc” (NASCIMENTO, 2009, p. 20 – 23 grifos da autora).

Conforme já afirmado, Carolina Maria de Jesus – já largamente pesquisada no meio acadêmico, e, bastante citada neste estudo, por ser a primeira escritora marginal/periférica a publicar um livro – não tinha noção, inicialmente, de sua condição como escritora. Apesar de acumular cadernos, recheados, por vezes, de denúncias, reflexões e poesias, levou tempo para enxergar-se poeta.

O mesmo ocorreu – e ainda ocorre – com poetas e escritoras da literatura marginal/periférica, como: Elizandra Souza³, que apesar de conceber uma escrita literária de qualidade ímpar, tem sido renegada ao rótulo de poeta e/ou escritora por razões diversas.

Para entender a proximidade entre as duas escritoras e o que as liga, é preciso compreender que Carolina Maria de Jesus foi a primeira figura feminina a se

³Segundo o Portal da literatura afro-brasileira (LITERAFRO), a poetisa é autora do livro **Águas da cabaça**, totalmente produzido, editado e publicado por jovens mulheres negras, lançado em outubro de 2012. É também coautora do livro de poesias **Punga**, com Akins Kintê, (2007), e tem participação em revistas e antologias literárias como: **Literatura marginal – Ato 3**, **Cadernos negros**, **Negrafias**, entre outras.

manifestar a publicar um livro, sendo lida, atualmente, como a precursora do movimento da Literatura Marginal e inspirando inúmeras outras mulheres negras e moradoras de periferia. É claro que, neste contexto, há outras autoras como Conceição Evaristo, Míriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Sueli Carneiro, Livia Natália fazendo um trabalho bastante conectado com o que foi iniciado por Jesus.

Mesmo com todo questionamento da periferia, enquanto um espaço rico em arte literária que possa ser validada pelo processo de literarização, ainda é possível vislumbrar que Elizandra Souza não apenas encaixa-se, como também extrapola, o que é delimitado, representando as mulheres em inúmeras poesias, falas e eventos aos quais é convidada, seja do que se tem como marco da literatura marginal/periférica, seja do que se produz nos saraus e *slams* das comunidades pela juventude periférica. Não se trata de uma comparação entre ambas as autoras, mas de um fio que as conecta pelos caminhos da literatura feita por mulheres que estão às margens.

As narrativas como a de Carolina Maria de Jesus e Elizandra Souza têm como fio condutor histórias de alguém que fala a mesma língua do seu povo, da sua comunidade, que é um artifício discursivo fundamental para compreender o lugar de fala do narrador, que está atrelado à marginalidade destinada à favela e possui características semelhantes às figuras retratadas. Observa-se uma escrita contada de dentro, as ações e reações demonstram os aspectos trágicos, traumáticos, emocionais e de resistência, dos quais, as personagens são protagonistas.

Segundo Alexandre Graça Faria, João Camillo Barros de Oliveira Penna e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2015), a Literatura Marginal e, de forma mais ampla, as produções culturais da periferia urbana despertaram o interesse e levaram à produção de pesquisas de natureza interdisciplinar.

Sendo assim, esta é uma das motivações desta pesquisa. Investigar a obra de Carolina Maria de Jesus sem perder sua essência, porém com criticidade literária para uma análise das enunciações propostas pela escritora, enquanto uma voz que circulou por diversos ambientes e que hoje serve de motivação para que outras iguais garantam os espaços e o seu lugar de fala legitimado. Para se adentrar no universo retratado pela escrita marginal toma-se como base o conceito de Literatura menor e a sua relação com a literatura marginal/periférica.

É relevante explicitar que, nesta pesquisa, não se leva em conta uma descrição histórica do processo de surgimento até às transformações do que se

denominou literatura marginal, tendo em vista a gama de escritos que cumprem este papel de forma qualitativa, promovendo uma linha histórico-literária que contempla esta evolução. No entanto, toma-se como base alguns pontos relevantes desta literatura, buscando investigar uma proximidade da mesma com a obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente **Diário de Bitita**, que faz parte do *corpus* desta dissertação.

4.1 A LITERATURA MARGINAL NO CONTEXTO PERIFÉRICO

A sociedade brasileira vem desenvolvendo novos olhares para a cultura nas últimas décadas, de forma que há avanços, retrocessos e estagnações. Cumpre aqui destacar o aparecimento significativo das vozes ligadas diretamente à periferia nas variadas produções culturais. Na música, observa-se a ascensão dos gêneros *Rap, Funk e Hip Hop*; no cinema, grandes obras como **Cidade de Deus** dão o tom das quebradas periféricas; na literatura, autoras como Conceição Evaristo, Jarid Arraes, Djamila Ribeiro, Elizandra Souza, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva, entre outras, ascendem pelo exercício da sua arte de escrever, estabelecendo uma aproximação com o leitor, por meio das letras que denunciam, testemunham e emocionam.

Em **Kafka**: por uma literatura menor, Gilles Deleuze & Félix Guattari (2015) analisam a obra do escritor a partir do conceito de literatura menor, estabelecendo três características que definem esta área. Propõe-se aqui uma análise dessa perspectiva conceitual na obra **Diário de Bitita** (1986), da escritora Carolina Maria de Jesus, como premissa para discutir o conceito de Literatura Marginal/Periférica desde a década de 1970.

Primeiramente, a dimensão que lhe foi atribuída é de que uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Sendo assim, a primeira característica está centrada na ideia de que a língua é afetada por um processo de **desterritorialização**. Este conceito implica em um deslocamento provocado por uma discriminação cultural, em função do espaço e da língua, utilizada por grupos étnicos, raciais ou culturais que, em um dado momento histórico, encontram-se submetidos a um processo de marginalização.

Segundo Deleuze e Guattari (2015), a segunda característica das literaturas menores é que tudo nelas é político. Os casos individuais narrados se tornam, para

além de uma narrativa que se adequa a um meio social ou de pano de fundo para uma história, indispensáveis por apresentarem possíveis acontecimentos escondidos. O ato político está presente, portanto, nos critérios valorativos explicitados por grandes literaturas de que há gêneros, autores e produções culturais que devem estar à margem por não seguirem todos os parâmetros dos modelos canônicos. Os teóricos acrescentam que:

Nas grandes literaturas, ao contrário, o caso individual (familiar, conjugal, etc.) tende a juntar-se a outros casos não menos individuais, o meio social servido de meio ambiente e de pano de fundo [...] A literatura menor [...] seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história se agita nela (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36, grifo dos autores).

A terceira característica é de que tudo toma um valor coletivo. Deleuze e Guattari (2015) afirmam que o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz é necessariamente político, mesmo que os outros não estejam de acordo. Para os autores, a literatura tem a função de enunciação coletiva, de produzir uma solidariedade ativa e, se o escritor estiver à margem, essa situação lhe propiciará condição de exprimir e/ou forjar outra consciência e sensibilidade. Portanto, conforme os autores enunciam:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida) (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 39, grifos dos autores).

Deleuze e Guattari (2015) reiteram ser importante:

Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor e intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento, as zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 53).

Para Deleuze e Guattari (2015), mesmo os indivíduos que nascem em um país de uma grande literatura devem escrever em sua língua, encontrando seu próprio subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo. Apesar de Carolina Maria de Jesus demonstrar, por meio de seus escritos, a sua vontade de

adquirir um padrão linguístico que pudesse torná-la uma grande escritora sob os princípios canônicos, observa-se que há na essência discursiva da autora esse entrecruzar entre o discurso oral e o escrito.

É necessário definir o conceito de literatura menor com o intuito de se alcançar o que seja literatura marginal. O que se constata é que Deleuze e Guattari (2015) alteram o conceito menor, compreendendo a **literatura menor** não como uma literatura de valor diminuído, mas como a língua de uma minoria diante de uma língua maior.

Mas o que é interessante, ainda, é a possibilidade de fazer um uso menor de sua própria língua, supondo que ela seja única, que ela seja uma língua maior ou o tenha sido. Ser em sua própria língua como um estrangeiro [...] Mesmo única, uma língua permanece uma papa, uma mistura esquizofrênica, uma roupa de Arlequim através da qual exercem funções de linguagem muito diferentes e centros de poder distintos, ventilando o que pode ser dito e o que não pode sê-lo [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 52).

Diante dos postulados de Deleuze e Guattari (2015), é possível conceber uma relação de importância com o que se delineou enquanto Literatura Marginal/Periférica, desde a década de 70 até os tempos atuais.

No entanto, é relevante verificar o conceito de Literatura Marginal perpassando inicialmente pelas interpretações do que seja literatura, diante de tantas definições do termo no transcorrer da temporalidade literária.

Ora referenciada por uma concepção estética, de entretenimento e pura contemplação, com o uso de uma linguagem rebuscada; ora estudada como uma arma sociológica e filosófica de sujeitos que relatam suas condições de vida por meio dessa arte, utilizando-a como instrumento de contestação e motivação, a literatura perpassa por diversos conceitos estabelecidos por estudiosos como Antonio Candido (2000) e Afrânio Coutinho (2014).

Antonio Candido (2000), escritor, crítico literário, sociólogo e professor, define a literatura como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. Candido (2000) afirma que:

Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (CANDIDO, 2000, p. 23, grifo do autor).

Entre esses elementos há distinção entre: i) a existência de produtores literários, relativamente conscientes do seu papel; ii) os receptores, formado pela diversidade de público, que são fundamentais para a sobrevivência da obra; e iii) um mecanismo transmissor que tem como função primordial ligar uns aos outros por meio da linguagem. Candido (2000) acrescenta a essas noções o argumento de que:

O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2000, p. 23).

Antonio Candido (2000) afirma, ainda, que existe outro elemento importante e decisivo para uma definição do que seja literatura: a formação da continuidade literária. Esta característica consiste na definição dos delineamentos de um todo, assegurando no tempo o movimento de um conjunto, ou seja, a transmissão de algo entre homens e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento e comportamento, aos quais a sociedade é obrigada a se referir, seja para concordar ou criticar; seja para aceitar ou rejeitar.

O início da Literatura Brasileira é demarcado por Candido (2000) a partir da geração arcadista, devido à manifestação de temas que dominaram a produção oitocentista. Os críticos da época concebiam a literatura do Brasil como forma de expressão da realidade local e como elemento balizador para a construção da nação tendo em vista o aspecto histórico e sociológico incutido nos textos literários.

Candido (2000) assevera que:

Os escritores neoclássicos são quase todos animados do desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus; mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento [...] (CANDIDO, 2000, p. 26).

Após o momento considerado a Independência do Brasil, inclinou-se a considerar a atividade literária como um esforço de construção de um país livre, ou seja, os autores começam a tomar consciência da responsabilidade e relevância do

seu papel, que era de escrever sobre e para a sua terra, mesmo quando não a descreviam. Contudo, esse não foi um processo tão tranquilo, sendo que:

Como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram freqüentemente tolhidos no vôo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral. Este nacionalismo infuso contribuiu para certa renúncia à imaginação ou certa incapacidade de aplicá-la devidamente à representação do real [...] (CANDIDO, 2000, p. 26-27).

Seguindo a mesma concepção de Antonio Candido, o professor e crítico literário Afrânio Coutinho propõe características que definem um conceito de Literatura no transcorrer dos tempos. Segundo Coutinho (2014, p. 50) os problemas da formação e autonomia da Literatura Brasileira, e da própria conceituação do que ela seja, são de tal relevância que merecem que se lhes dê a máxima atenção, em consonância com o que postula Candido (2000). Nossa literatura passou por mudanças adquirindo uma autonomia e maioridade mentais quando deixou de ter como única inspiração a literatura europeia, buscando motivos de enriquecimento da imaginação criadora, procurando exprimir-se por uma linguagem adequada às questões nacionais, diferenciada dos padrões de um classicismo lusitanizante.

Para o autor, a formação da Literatura Brasileira é resultante do “transplante de uma língua e uma literatura anteriores, formada em solo e povo diversos”. Ressalta ainda que não se pode esquecer que já recebemos uma literatura já formada, com uma tradição própria (COUTINHO, 2014, p. 69).

Ao questionar sobre o que seria literatura e quais seriam os seus elementos constituintes, o estudioso fundamenta seus questionamentos afirmando que:

A língua autônoma só não basta, pois há várias literaturas independentes expressas na mesma língua. Mais importante que a língua é o uso que dela se faz, é a fala que ela produz. [...] Mais do que a língua, simples instrumento, o que importa à definição, à caracterização de uma literatura, é a experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade, tudo aquilo de que a literatura não é mais do que a transfiguração, mercê de artifícios artísticos. E quando essa realidade, essa experiência, esse sentimento são novos, a literatura que os exprime tem que ser nova, outra, diferente (COUTINHO, 2014, p. 20).

Nos últimos tempos a produção literária brasileira está cada vez mais voltada para essa caracterização da experiência humana, do sentimento, e da visão da

realidade. Portanto, enseja uma literatura como forma de aquisição de conhecimento, como instrumento de comunicação e luta, como sistema social, para além da sua função metafórica com o intuito de entreter artisticamente e transformar vida em arte, arte em vida.

É nesse contexto transgressor que a literatura exerce, valorizando a experiência humana, que se propõe o delineamento da perspectiva da Literatura Marginal. O termo marginal/periférico adquiriu diversos usos e significados. Segundo Perlman (1977 apud Nascimento, 2006, p.11), esta palavra adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambíguo: juridicamente evidencia o sujeito delinquente, indolente perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado.

Há tempos o tema marginal e periférico tem rompido com a tradição literária e incitado um novo significado ao universo literário. O sentido de **marginal** na história da Literatura Brasileira, sob a perspectiva estético-cultural, surgiu por volta da década de 1970, denominada como **poesia marginal** ou **geração mimeógrafo**, em função do momento histórico vivido à época. O movimento ganhou repercussão por quebrar padrões literários, contrariando o modelo idealizado pelo mercado editorial da época.

A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento (2006), na sua dissertação de mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, afirma que no Brasil o significado atribuído à expressão **literatura marginal** difundido pela imprensa e no senso comum faz alusão ao contexto da ditadura militar. Os escritores objetivavam revolucionar os padrões de qualidade, desvinculando-os das produções intelectualizadas e populistas. Os escritos eram marcados pelo recurso estilístico da ironia, pelo coloquialismo e palavrões; e tinham na sua essência temáticas sexuais, tóxicas e a vida das classes privilegiadas.

Neste período, os autores faziam parte da classe média, estudantes universitários vinculados às atividades artísticas como cinema, música e teatro. A produção deles estava atrelada a questões sociológicas e dependiam de ajuda de

amigos, família e artistas para circular nas universidades e espaços públicos frequentados pela classe média intelectualizada.

Um dos grandes veículos de comunicação da literatura nacional foi a revista **Caros Amigos**, criada em 1997 pela Editora Casa Amarela, com o propósito de publicar matérias e entrevistas relacionadas ao cenário político, econômico e artístico, valendo-se de uma criticidade até então não explorada pelos outros meios de comunicação da época. Logo de início, a revista trouxe na sua primeira edição especial, o *hip hop* como tema. Além disso, fez publicações polêmicas sobre a corrupção na política brasileira, o Golpe de 1964, a história de Che Guevara, o Fórum Social Mundial, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e outros assuntos relevantes.

O romancista, contista e poeta Reginaldo Ferreira da Silva, reconhecido como Ferréz, já havia usado o termo **literatura marginal** quando lançou, em 2000, seu segundo livro, intitulado **Capão pecado**, relacionando-o com sua produção e a dos escritores com um perfil sociológico semelhante ao seu. No romance, Ferréz narra experiências sociais próximas do seu contexto, enquanto morador da periferia de São Paulo. A obra não foi alçada como acontecimento literário e nem teve relevância sob o olhar dos críticos literários, contudo atraiu, timidamente, a imprensa, que se interessou pela narrativa forte do autor, com um realismo exacerbado, revelando o cenário da periferia sob o olhar de quem faz parte dela, valendo-se do uso da linguagem coloquial demarcada por gírias.

Tal acontecimento fez com que Ferréz alcançasse certo reconhecimento nacional e conseguisse dar prosseguimento a projetos, como continuar colaborando com a revista **Caros Amigos**, aproximando-o ainda mais do público e proporcionando sua ascensão editorial. A partir disso, surgem pessoas interessadas em patrocinar a iniciativa para que outros escritores que tivessem as mesmas condições e características sociológicas fossem lançados.

Desse contexto, surge a possibilidade de organizar uma coletânea de textos produzidos por autores da periferia, objetivando dar visibilidade aos artistas (rappers, escritores amadores e grafiteiros ligados ao *hip hop*) residentes no Capão Redondo. Para fazer parte da publicação foram estabelecidos pela equipe editorial da revista dois critérios: que o autor vivenciasse alguma condição de marginalidade e ter características literárias ao que se concebia enquanto estética periférica.

Mas para além desses critérios que orientaram o trabalho dos editores, duas particularidades presentes na segunda e na terceira edição publicadas insinuavam a que se referia a marginalidade anunciada no título da publicação: os nomes dos bairros de residência dos autores ou do presídio no qual cumpriam pena apareciam no final de cada texto [...]; e os textos abordavam, predominantemente, problemas (como a violência e as carências) e experiências sociais vinculadas ao espaço da periferia (NASCIMENTO, 2006, p. 17, grifo da autora).

Outro grande marco de divulgação da literatura denominada **marginal** foi o lançamento das edições especiais da revista **Caros Amigos/Literatura Marginal**, em um número especial, organizado por Ferréz.

A edição especial, lançada em agosto de 2001, reuniu dez autores convidados por Ferréz e veiculou dezesseis textos, entre poesias, contos e crônicas. E para mostrar, segundo o editorial, “as várias faces da caneta que se manifesta na favela, pra registrar o grito verdadeiro do povo brasileiro”, a publicação contava com a participação de dois rappers (Atrês e Cascão), de um autor inédito (Garret), de quatro autores que já haviam publicado livros de maneira independente (Alessandro Buzo, Erton Moraes, Edson Veóca e Sérgio Vaz) e dos já conhecidos Jocenir (autor do livro **Diário de um detento** e do rap homônimo em parceria com Mano Brown, dos Racionais MC's), Ferréz (Capão Pecado) e Paulo Lins (**Cidade de Deus**) (NASCIMENTO, 2006, p. 23, grifos da autora).

No Manifesto de abertura da edição de 2001, Ferréz enfatiza a importância dos escritos para o tom de uma ação coletiva:

O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando os nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram os nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que a periferia fez arte (FERRÉZ, 2005, p. 10-11).

Dentre os autores participantes da primeira edição especial, a presença do escritor Paulo Lins rendeu críticas ao organizador. Segundo Nascimento (2006, p. 23), Ferréz argumentava em seus depoimentos que o convite fora motivado pela obra do escritor, **Cidade de Deus**, ter sido sua fonte inspiradora à escrita de **Capão pecado**. Já Paulo Lins justificou sua participação afirmando que desconhecia a ideia

de Ferréz quanto à organização de uma edição específica envolvendo possíveis textos caracterizados como literatura marginal.

Em tempo, durante um discurso na Mostra Artística do Fórum Cultural Mundial, realizada em São Paulo no ano de 2004, Paulo Lins recusou a atribuição do conceito marginal às suas obras, considerando que tal definição deveria ser conferida ao Ferréz.

Foi o Ferréz que começou com essa onda de literatura marginal, eu nunca tinha ouvido falar nisso, do jeito que está sendo apresentado atualmente. [...] O que eu conhecia de escritores marginais tem a ver com a poesia marginal dos anos setenta e eu me lembro que o Leminski achava ruim esse movimento. Essa poesia foi esquecida pelos críticos por um bom tempo e agora o Roberto Schwarz e a Heloisa Buarque estão resgatando alguns autores. Quando fiz o livro, eu não pensei que eu era marginal. [...] EU não vejo nada de marginal nas nossas obras elas recebem o interesse da crítica, da universidade, da imprensa (LINS, 2004 apud NASCIMENTO, 2006, p. 24).

A literatura marginal começou, então, a conquistar espaços e público. Talvez pela aproximação dos temas desenvolvidos com o cenário social e geográfico do povo marginalizado, provocando uma relação de significado e emergindo, por meio das variadas artes, narrativas de descontentamento à situação política, econômica e cultural da sociedade.

Ainda neste contexto da literatura marginal/periférica brasileira, surgiu no ano de 2001 a **Cooperifa**, movimento cultural importante que consiste na realização de encontros entre amigos em um bar, com o objetivo de declamar poesias. Inicialmente as atividades eram realizadas em um bar chamado **Garajão** e depois migraram definitivamente para o **Bar do Zé Batidão**, no Jardim Guarujá, periferia de São Paulo/SP, onde funciona até os dias de hoje.

Conforme publicado no site oficial (<http://cooperifa.com.br>) a Cooperifa (2017) “é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade”. Com o lema: “A Periferia nos une pela dor, pela cor e pelo amor”, Cinema na laje, Chuva de livros, Várzea poética, Poesia no ar, Ajoelhaço, Natal com livros, Mostra cultural, Sarau nas escolas, Canja poética, são algumas das intervenções culturais promovidas pela Cooperifa que, no ano de 2018, completa 17 anos.

Atualmente, o **Sarau da Cooperifa**, um dos mais importantes nesse contexto, promove seus encontros às terças-feiras, sob o comando de Sérgio Vaz juntamente com a Família Cooperifa.

Outro acontecimento relevante foi a ascensão de artistas como Racionais MC's, Gabriel O Pensador, na música; a série Cidade dos Homens (2002) e o programa Central da Periferia (2006), que transmitiam aos telespectadores relatos do cotidiano das comunidades periféricas, contados pelos próprios moradores.

A efervescência periférica também foi representada em obras cinematográficas como **Cidade de Deus**, baseada na obra do escritor Paulo Lins; **Carandiru**, baseado no livro **Estação Carandiru**, do médico Drauzio Varella, que narra suas experiências em um trabalho realizado na extinta Casa de Detenção que ficou conhecida por Carandiru, tendo em vista sua localização no bairro de mesmo nome na cidade de São Paulo. Esse trabalho consistia em conscientizar sobre as formas de prevenção à Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS).

Nascimento (2009) apresenta argumentos indicando que a periferia seria o:

[...] espaço da carência, que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e faz emergir produtos culturais como a música rap e a literatura marginal-periférica; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens associadas ao adjetivo marginal (NASCIMENTO, 2009, p. 153 - 154).

Na segunda edição do número especial, Ferréz buscou manter o mesmo padrão de temas e escrita veiculados na primeira edição. Assim sendo, buscou enfatizar qual era a intenção da produção literária publicada na nova edição, afirmando que: “a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2002 apud NASCIMENTO, 2006, p. 29).

A terceira edição da revista **Caros Amigos/Literatura Marginal** foi marcada pela estreia do escritor Ademiro Alves, o Sacolinha, que revela nas suas obras questionamentos quanto ao acesso à literatura e da sua visibilidade enquanto artista. Lançou também quatro escritoras, dentre elas, Elizandra Souza, que teve publicados os poemas: **Um feto**, **Suicídio**, **Lixão** e **Maria**. Atualmente, a escritora é reconhecida pelo seu ativismo e sua obra **Águas da cabaça**, uma coletânea de textos que ela define como:

[...] é a minha própria antologia reuni textos de 2007-2012, convidei seis mulheres negras que eu carinhosamente chamo de minhas parceiras: Salamanda Gonçalves (capa), Renata Felinto (ilustrações de dentro do

livro), Nina Vieira (Projeto gráfico), Mel Adún (prefácio), Priscila Preta (posfácio) e Carmen Faustino (revisão). O livro *Águas da cabaça* foi preparado durante 4 meses. O que mais me marca é a união dessas mulheres negras em torno de um projeto literário, é o protagonismo, é o nosso protagonismo, fazer um livro bem feminino e afro-brasileiro. Estou bem orgulhosa como resultado, foi além do esperado (SILVA, 2012⁴).

No ano de 2005, a editora Agir lançou a obra **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**, organizada por Ferréz, composta de vinte e cinco textos, sendo que dez tinham sido originalmente publicados nas três edições especiais da **Caros Amigos/Literatura Marginal**. O livro reuniu contos, poemas e *raps* de diversos autores, entre esse dominado universo literário masculino está a presença feminina de Dona Laura, líder de uma colônia de pescadores no Rio Grande do Sul, que se alfabetizou aos cinquenta anos.

Séculos de literatura em que as mulheres permaneciam nas margens nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a “literatura”, sem adjetivos, e a “literatura feminina”, presa a seu gueto. Da mesma forma, aliás que por vezes parece que apenas os negros têm cor ou somente os gays carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 8, grifos da autora).

Outrossim, aconteceu o lançamento de outras nove obras de autores que participaram das três edições especiais da revista, como o Sacolinha, Alessandro Buzo, Sérgio Vaz e o próprio Ferréz. No ano de 2010, Ferréz publicou um *post* em seu blog anunciando o seu pedido de demissão da Revista **Caros Amigos/Literatura Marginal**, no qual ele relata:

Amigos leitores,
Venho por meio desse curto post dizer que pedi demissão da Revista Caros Amigos a alguns dias.
Escrevi na revista durante 10 anos, e foram muitos momentos bons, tive a sorte de conviver com grandes jornalistas e profissionais de primeira linha.
A maior lembrança que trago é minha amizade com Thiago Domenici, Marina Amaral e o fundador da Caros, o grande Sergio de Souza.
Sei que deixo alguns leitores órfãos, mas vou manter nesse blog todo mês um texto inédito para compensar.
O motivo é bem simples, estou repensando minha carreira e nesse momento pretendo me dedicar aos meus projetos recentes.

⁴ Entrevista de Elizandra Souza concedida a Rociclei da Silva, para o Blog Polifonia Periférica, no ano de 27 de outubro de 2012.

Agradeço de coração aos que me acompanharam nesse tempo, e também aos que leram ao menos um texto nesses 10 anos.
A partir de agora nos vemos sempre por aqui.
grande abraço
Ferréz (FERRÉZ, 2010)

Ao todo, as três edições especiais da **Caros Amigos/Literatura Marginal** somaram quarenta e oito participações, sendo que alguns autores aparecem mais de uma vez nos três volumes. Entre as mulheres que fizeram parte estão Maria da Conceição Paganele, Dona Laura, Cláudia Canto, Káli-Arunoé, Maria Inziné, Lutigarde Oliveira, Cátia Cernov e Elizandra Souza, no entanto, apenas três delas tiveram publicações posteriores e de relevância no cenário da literatura marginal/periférica, que são Cátia Cernov, Cláudia Canto e Elizandra Souza, conforme mencionado anteriormente.

Segundo Balbino (2016, p. 30), foi publicada, no ano 2016, uma reimpressão das três edições da revista **Caros Amigos/Literatura Marginal** em um só volume. Já em dezembro de 2017, o jornalista Ivan Longo (2017), da Revista Fórum, publicou em uma matéria, o fim da revista **Caros Amigos** após vinte anos de circulação. Lamentando, o repórter referiu-se ao veículo de comunicação como “uma das principais publicações da mídia independente e de esquerda no Brasil” (LONGO, 2017, Não paginado) e informou que a revista funcionaria apenas como site. Entretanto, após investigação na rede de internet, constatou-se que os links disponíveis para acesso à revista, tanto no site de busca Google, quanto na página da revista na rede social Facebook, estão inoperantes.

É indiscutível a relevância dessa publicação para o cenário literário e social brasileiro, tendo em vista o seu protagonismo na ação de ter sido um meio de divulgação de informação, que disponibilizava textos de autoria de escritores da periferia, discorria sobre questões sociológicas desse cenário e exercia a criticidade no que se refere à política, à economia e à cultura.

Regina Dalcastagnè (2008, p. 78) concebe que quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço democrático de interesses e perspectivas sociais, não se pode deixar de inquirir quem é o sujeito produtor da fala, que posição social lhe é reservada e o que o seu silêncio esconde.

É nesse sentido que mulheres, negros, homossexuais, além de outros, são colocados à margem da sociedade nos contextos históricos e literários há tempos,

sem que tenham a perspectiva de protagonizarem o mesmo *status* que os categorizados como a classe literária canônica do país.

Por isso, é relevante dar ascensão à literatura que denuncia essa condição de exclusão e, principalmente, de sofrimento. No âmbito acadêmico, percebe-se um efervescente crescimento de pesquisas investigando e comprovando a qualidade da arte produzida pelos que são marginalizados. A literatura, nesse viés, seria um dos meios que traria à tona as narrativas de dor, preconceito, discriminação sofrida por esses indivíduos. Portanto, é um veículo privilegiado por seu caráter denunciador e sua força de luta contra a discriminação literária.

A cultura da periferia distingue-se das demais formas culturais (sejam elas de massa, popular ou de elite, para usar a classificação clássica da modernidade) por agregarem novas metas para a criação e evidenciarem formas próprias de organização do trabalho artístico, subvertendo os objetivos – digamos “contemplativos” – da arte e da literatura modernas (HOLLANDA, 2011, grifos da autora).

Tanto o marginal como o periférico são conceitos entrecruzados a modelos de representatividade, que salientam não apenas modos de significar o mundo, como também de produzir identidades. É fundamental pensar nesse contexto para refletirmos sobre a produção literária oriunda daqueles que estão à margem do contexto social e editorial, vivendo nos morros e favelas das cidades brasileiras, produzindo cultura de forma identitária e reproduzindo experiências engendradas por seus escritos.

Portanto, entende-se por Literatura Marginal aquela que é produzida por indivíduos marginalizados, na grande maioria das vezes, por todos os significados atribuídos ao termo. Autores que buscam relatar a realidade de uma parcela da população, valendo-se de uma vertente poética descritivista impregnada do dualismo entre emoção e razão.

[...] a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais” (NASCIMENTO, 2006, p. 1, grifos da autora).

É considerável também que, entre diversas abordagens, a literatura marginal se tornou um movimento literário que tinha como intuito ascender escritores

periféricos, inserindo-os no mercado editorial, de tal forma que fossem reconhecidos pela crítica e público como produtores de literatura.

As estéticas periféricas, nos diversos âmbitos da arte (poesia, música, teatro, pintura), foram e são de inquestionável importância para a valoração de uma cultura que não é singular, muito pelo contrário, é plural e diversa. Portanto, o *funk*, o tecnobrega, o *hip hop*, o pagode e a literatura periférica são elementos de afirmação de uma multiplicidade artística que está sendo cada vez mais reconhecida pela sociedade.

Segundo o poeta Sérgio Vaz (LITERATURA, 2006), a Literatura Marginal:

É aonde tá engajada a luta do preto, a luta do branco pobre, a luta do povo da periferia, onde a favela se assume como literatura e chama para si essa responsabilidade independente se a academia goste ou não, independente se a livraria, a editora quer publicar ou não... (VAZ apud LITERATURA, 2006).

Todo este engajamento, leva-nos a crer que um dos pilares da Literatura periférica consiste na apresentação do lugar de fala dos sujeitos que vivem à margem do meio social, manifestando-se como um instrumento que contrapõe todo o arquétipo instaurado de legitimação da estética literária produzida pelos dominantes do círculo social elitizado, utilizando para isso, a fala original da periferia e temáticas referentes ao contexto. Narrar o cotidiano valendo-se da oralidade na escrita, apresentando situações conflitantes pelas quais estes sujeitos passam, é a forma mais verdadeira de se demonstrar o outro lado de um universo demarcado por preconceitos arraigado de que nestes ambientes só se faz presente a violência, as drogas, o vício e o tráfico.

4.2 DIÁRIO DE BITITA: AS MARGENS DA LITERATURA

Segundo Faria, Penna e Patrocínio (2015, p. 19-20), a cena literária brasileira foi tomada de assalto por um número considerável de autores marginais que expressam o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada pelo testemunho e por uma estética que pode ser nomeada como um realismo experiencial, onde o que se lê são experiências vividas e, sobretudo, quando reconstruídas ficcionalmente. Parte significativa desse grupo de autores passou a se

autointitular marginal como uma forma de caracterizar sua produção e, principalmente, como resposta a uma interpelação identitária.

Carolina Maria de Jesus faz parte deste número considerável de autores marginais. No universo literário, mulheres, pobres, negras e trabalhadoras, na sua grande maioria, estão ausentes, não por sua produção, mas por ideologias historicamente excludentes do que deve ser considerado como literatura, atreladas a estereótipos convencionados.

Tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18).

A mesma exclusão enunciada por Dalcastagnè (2007) vem sendo cada vez mais uma preocupação dos estudos literários, e do próprio fazer literário, tendo em vista os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem.

O lugar da fala está presente na obra de Jesus através de relatos biográficos entremeados, onde a autora rememora acontecimentos desde a infância. A autora de **Diário de Bitita** (1986) narra uma trajetória que contempla indagações revolucionárias para uma mulher da sua época. Traz no íntimo da sua escrita vivências politizadas de uma personagem crítica que promove uma enunciação coletiva das marcas de um povo, uma comunidade, de indivíduos. Para tal, Carolina Maria de Jesus faz uso menor da sua própria língua, buscando interromper um ciclo de silenciamento imposto por uma elite literária considerada canônica e desempenhar uma função maior da linguagem, que é a de servir como poder de sensibilização e revolucionar.

Crítica, a escritora periférica Jesus (1986) tinha consciência de que “o homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filáucias dos donos do mundo” e questionava “porque só os homens ricos é que podiam dizer ‘Sabe com quem você está falando?’ para mostrar a sua superioridade” (JESUS, 1986, p. 34, grifo do autora).

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! E pensava: “Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?”

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade (JESUS, 1986, p. 43).

As obras da autora, inclusive **Diário de Bitita** (1986), publicado postumamente, podem ser abordadas a partir das indagações propostas pelos escritores: “Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a sua? Ou então não conhecem mesmo mais a sua, ou não ainda, e conhecem mal a língua maior de que são forçados a servir?” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 40).

As indagações remetem ao conceito pré-determinado de um ideal linguístico, considerado como correto e formal, que discrimina tudo o que está fora deste padrão. Pensar a língua como algo estático e hegemônico é desconsiderar toda a diversidade humana que contrapõe essa oficialização naturalizada de que exista uma homogeneização quando o assunto é linguagem. Tal padronização fomenta a ideologia de exclusão e dominação social provocada por aqueles que fazem parte da considerada elite cultural, mercadológica, editorial e social imperante.

Essas indagações corroboram, ainda, os conceitos de literatura maior/menor estarem vinculados a mecanismos de seleção e exclusão aplicados com a intenção, talvez, de continuar perpetuando uma legitimação do que se considera enquanto obra canônica.

Daí a pertinência de que mulheres como **Carolina Maria de Jesus**, homossexuais, negros e demais sujeitos colocados à margem expressem-se ativamente, ecoando seus pensamentos no intuito de quebrar o contexto de silenciamento e demonstrando que a sua localização geográfica, as suas vestimentas, a sua condição socioeconômica não minimizam a sua arte, tampouco reduzem seus pensamentos a uma condição minoritária diante da arte produzida pela elite artística.

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar **em nome** deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 78, grifos da autora).

É importante destacar que a consciência da discriminação contra as mulheres já aparece na obra de Carolina Maria de Jesus quando esta destaca a força e a sensibilidade feminina para lidar com as situações conflituosas que surgiam:

Em 1922, o Brasil já havia sido descoberto há 422 anos. E o povo dizia:
 — País atrasado.
 Não era o país, eram seus habitantes que não tinham condições para instruírem-se.
 Perguntei à minha mãe:
 — Por que é que o mundo é tão confuso?
 Respondeu-me.
 — O mundo é uma casa que pertence a diversos donos, se um varre, vem o outro e suja-a.
 Mas é assim mesmo. O homem só dá valor ao homem depois que morre. Se os homens governam o mundo, ele nunca está bom para o povo viver, por que não deixar as mulheres governarem? As mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens. Mas os homens são os pais dos homens, fazem guerras, e matam-se (JESUS, 1986, p. 50-51).

Para Ferréz, Carolina Maria de Jesus é a principal representante da Literatura Marginal/Periférica.

A rainha da literatura marginal é a Carolina Maria de Jesus. Achei a rainha, mano! Quando eu li o *Quarto de Despejo*, mano... Eu senti na pele o que eu senti aqui, tá ligado? Literatura marginal não é você falar de periferia. Literatura marginal é a forma como você usa a linguagem e as pessoas que estão escrevendo o texto.

A gente se separa por isso, não por outra coisa. Você acha justo que depois um cara fale: “não, ele sempre foi um autor contemporâneo, que tem tudo a ver com os autores que existem por aí no mercado”. Que nada, cara! É errado. Você é diferente, você teve uma vivência diferente, você teve um estilo de vida diferente. Você merece ser enquadrado numa coisa que tenha a ver com você, que tenha pessoas lá atrás, que nem a Carolina, o Plínio [Marcos], que são pessoas que tem tudo a ver com você. (...) O pessoal associa a uma literatura menor porque o próprio nome fala literatura marginal. Ou literatura periférica, ou literatura dos excluídos. Que nome ela tem? Não interessa. Além do mais, é uma literatura de alto gabarito. (...) Quem vai dizer que João Antônio não é bom? João Antônio, pô, ele reportava 100% dos excluídos, mano. Então, por isso que eu levanto esse tema. Todo mundo trata a gente como “ah, é depoimento, é piririri, é pararará...” E não é, mano. Depoimentos são feitos por alguns, mas a maioria faz literatura (FERRÉZ apud BALBINO, 2016, p. 45, grifos do autor).

É notório que a imposição de um discurso nega o direito de fala daqueles que têm muito a dizer sobre si e sobre o universo ao seu redor, mas que por não serem legitimados sofrem com a marginalização da sua arte, o que não possibilita, no contexto atual, ainda, a democratização literária.

Na citação de Ferréz é possível perceber uma tentativa de engendramento sistêmico de uma literatura marginal, na medida em que ele nomeia precursores oriundos do contexto marginalizado e que lutaram contra a ideia de que a literatura produzida por eles seja uma literatura menor em uma perspectiva depreciativa, contrária ao que apontam os estudos de Deleuze e Guattari (2015).

Regina Dalcastagnè (2008) aponta que:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Assim, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 80-81).

No transcorrer temporal, esses excluídos do universo do fazer literário foram alcançando seu espaço, por meio de um trabalho de divulgação de dentro para fora, ou seja, as artes dos periféricos foram sendo difundidas nas suas comunidades, nas ruas, nas praças, até chegar na mídia de massa. Infelizmente, há de se questionar a intenção mercadológica da cessão de tal espaço, pois o que se percebe é que essa mídia só promove tal veiculação com a finalidade de se apresentar para a sociedade como um espaço democrático, que veicula as mais variadas representações artísticas.

Por isso a importância da discussão sobre o modo como a narrativa atual engendra o olhar em seu interior, especialmente o olhar que incide sobre aqueles que a sociedade brasileira não quer ver: estranhamento, exotismo, crueldade, melancolia, cinismo, testemunho são termos que reaparecem aqui e ali, seja como centro da análise, seja como uma tentativa de discernir o que se passa do lado de dentro da obra, ou mesmo nas suas cercanias, quando analisa a maneira como representantes de determinados grupos sociais são recebidos, ou não, no campo literário (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 8-9).

Discutir sobre o campo literário periférico certamente ainda é uma problemática a ser enfrentada, especialmente na tentativa de lhe dar legitimidade e estabelecer uma relação de respeitabilidade e inclusão no âmbito do que se considera cânone. Esse caráter torna-se ainda mais difícil quando se propõe uma análise sob a perspectiva da literatura periférica de autoria feminina. Como é caso da autora de **Quarto de despejo**: o diário de uma favelada que, mesmo hoje, sendo

sua obra indicada como leitura obrigatória nos processos seletivos das universidades brasileiras, ainda enfrenta restrições à valorização do seu lugar de fala.

A condição sociológica de Carolina Maria de Jesus, sensacionalizada como a mulher negra, favelada e catadora de papel que sabia escrever e que virou escritora, vem sendo evidenciada, por alguns críticos literários, como se não houvesse valia literária. Ou como reitera Dalcastagnè (2008), que a “alguém como Carolina Maria de Jesus não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o ‘fazer literatura’ àqueles que possuem legitimidade social para tanto – especialmente os homens, brancos, de classe média” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 96, grifo da autora).

As obras que contêm narrativas em que o eu é o sujeito e protagonista, tendo como destaque a experiência pessoal e o relato memorialístico, não eram legitimadas, não adquiriam o *status* de grande literatura, por fatores já elencados neste estudo. Entretanto, com o advento da tecnologia e a democratização da informação, os gêneros pessoais saem de um contexto totalmente inferiorizado, para o centro do literário.

A identidade e o valor literário são aspectos relevantes da literatura autobiográfica, confessional, testemunhal, que vêm sendo discutidos por estudiosos que, como Phillipe Lejeune (2008), apontam em suas pesquisas as dificuldades de validação e, ao mesmo tempo, a expressividade destes gêneros. Quanto à autobiografia, de acordo com Sousa (2012),

[...] Lejeune destaca que desde os anos 1970, o gênero é contemplado pelos manuais escolares, de sorte que foi integrado ao “cânone literário da escola, ao lado do romance, do teatro, da poesia”. A razão para essa inclusão do “gênero baixo” no cânone francês é o fato de a autobiografia ter mudado e práticas de escritas intermediárias entre ficção e autobiografia se desenvolverem (SOUSA, 2012, p. 150, grifos da autora)

Philippe Lejeune (2008), na obra **O pacto autobiográfico**, afirma que a autobiografia deve ser instituída como gênero, tomando emprestado os moldes tradicionais/clássicos de apresentação da vida de um ser humano, e isso provoca no leitor uma relação direta com o texto e com o eu da enunciação, tendo em vista a aproximação dos fatos.

Narrar relatos aproximados do contexto vivenciado pelo sujeito autobiografado continua sendo, relativamente, uma ação privilegiada restrita a

membros de uma classe considerada dominante, o que provoca, de forma discriminatória, a exclusão e o silenciamento daqueles que não fazem parte do mesmo ambiente. Lejeune (2008) acrescenta que,

[...] a autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) supõe que haja identidade de nome entre o autor (tal como figura, pelo seu nome, na capa do livro), o narrador e a personagem da qual se fala. Trata-se de um critério muito simples, que define ao mesmo tempo a autobiografia e todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, ensaio) (LEJEUNE, 1996, p. 23-24, grifos do autor)

Nesse contexto e no âmbito da literatura periférica, **Diário de Bitita** (1986) abre discussões sobre uma diversidade de existências, isto é, aparecem relatos sobre uma pluralidade de personagens, que possuem características, pensamentos e comportamentos oriundos do espaço periférico. São personagens existenciais, como a mãe solteira que vai trabalhar arduamente para sustentar seus filhos em meio à miséria, a menina pobre e crítica que é considerada intrometida por ter a curiosidade de saber dos espaços e das pessoas ao seu redor. Daquela que, mesmo diante de adversidades, vai buscar conhecimentos na intenção de melhores condições de vida para si e para seus filhos. Segundo pode-se ler em Jesus (1986), estas são palavras protagonistas:

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, é os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão (JESUS, 1986, p. 126).

Pode-se afirmar, ainda, a partir dos relatos memorialísticos de Carolina Maria de Jesus, que a escritora talvez seja a potencial precursora do que se considera literatura marginal/periférica na atualidade. Sua narrativa, seus personagens, o cenário da sua obra, provocam no leitor o despertar para uma aproximação do trajeto das personagens à vivência da autora.

O crítico literário João Cezar de Castro Rocha (2007), em uma entrevista concedida à revista **Época**, em setembro de 2007, enuncia sobre a barreira que estudiosos constroem contra a produção dos autores da periferia, admitindo que

são, imprescindivelmente, necessários novos modelos de análise para interpretar uma literatura da qual a fala narrativa pertence ao universo por eles retratado que, em Carolina Maria de Jesus, seria a periferia. De acordo com Rocha (apud BRUM, 2007):

O problema central é que precisamos ler com muito cuidado esses textos e sobretudo prestar uma atenção renovada a essa expressão cultural. Sem aprisioná-las num modelo teórico e crítico [...]. Eu não posso ler esses escritores com um instrumental teórico criado há mais de 30 anos, nas universidades. O que eles estão propondo e o que estão fazendo é algo realmente novo. Ou eu aceito o desafio de tentar dizer algo de inteligente sobre o que estão produzindo ou eu teria a falsa inteligência de alguns acadêmicos, colegas meus, que têm um discurso pronto para tudo. Aí você pergunta: mas você leu Paulo Lins, você leu o Ferréz? E respondem: “Ah, isso não, porque não é alta literatura”. Se eles não querem ler Paulo Lins e Ferréz é uma opção que eu respeito. Mas então fiquem calados (ROCHA, apud BRUM, 2007, Não paginado, grifos do autor).

Não ficar calado pode significar reconhecer, sim, que a obra de Carolina Maria de Jesus e dos tantos outros autores e autoras periféricos é dissonante do cânone clássico da Literatura Brasileira, por sua linguagem original, pelos relatos que ferem os ideais estilísticos padronizados ou porque talvez trate de temas que sejam relevantes apenas para uma determinada população periférica sob o vislumbamento de quem vivencia, verdadeiramente, o contexto da periferia.

Talvez não ficar calado seja enunciar, cada vez mais, a importância de se investigar, discutir e compreender a relevância das problemáticas e questões urgentes a se transformarem em objeto de estudo dos pesquisadores. Pois, conforme destaca Dalcanstagnè (2012):

São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantém de pé, a que e a quem servem... Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e da hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCANSTAGNÈ, 2012, p. 16-17).

Perante o exposto, atente-se que o sujeito da literatura marginal/periférica é um sujeito múltiplo, que não representa apenas um indivíduo, mas todo o seu grupo

social de forma ímpar, logo, é preciso reivindicar um espaço na cena literária para o novo e o diferente. Não cabe que se tenha na literatura a exclusão sistemática de pessoas que são deixadas à margem por não se adequarem ao estereótipo idealizado da arte literária. Aos autores periféricos, como Carolina Maria de Jesus, demanda-se um espaço de visibilidade para além dos preconceitos estabelecidos de que à sua escrita cabem apenas os relatos de violência e brutalidade a partir das quais a periferia é sempre vista e descrita.

5 CONCLUSÃO

A década de 1960 foi marcada, no Brasil, por mudanças, revoluções e traumas, que até hoje estão presentes no contexto sociocultural. Com a instauração do período ditatorial, a sociedade vivenciou momentos de violência, censura e repressão, quando a liberdade de expressão não fazia parte dos direitos de cada cidadão, e a democracia foi exaurida do cenário político.

Com a publicação do Ato Institucional nº 5, datado de 13 de dezembro de 1968, em que o Presidente da República decretou a suspensão dos direitos políticos de quaisquer cidadãos, as manifestações políticas foram proibidas, e ocorreu o aumento da violência por parte do exército, como forma de opressão aos que reivindicavam sua liberdade, diante de tanta censura.

Houve também a exigência de suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições; a proibição de atividades ou manifestação sobre assuntos de natureza política; e a aplicação, quando necessária, de medidas de segurança, como, a liberdade vigiada e o controle da frequência em determinados lugares.

Na arte, surgiu o Tropicalismo, movimento cultural que misturava influências do pop, do rock e da cultura brasileira, valendo-se, metaforicamente, de letras de música e histórias que criticavam a ditadura, o que promoveu a prisão e exílio de muitos que revolucionaram a história.

Pensar a Literatura em sua completude, neste contexto histórico, provoca a ampliação de novos olhares, diante de tanta repressão. No meio deste cenário traumático, esteve Carolina Maria de Jesus, com todas as características, já elencadas nesta pesquisa.

O campo literário brasileiro sempre foi dominado por um padrão estereotipado de autores, personagens e histórias. A escritora surge na contramão deste enquadramento, sendo, mulher, negra e pobre, e ecoando, sua voz e outras vozes, valendo-se da escrita como uma arma de resistência a este tempo presente, tão ingrato, com aqueles que viviam em contexto marginalizado.

A obra caroliniana quebra com a preconcepção direcionada aos negros, criando uma narrativa que pode evocar representações, determinar espaços sociais, e comportamentos. Nesse sentido, torna-se perceptível o quanto a literatura pode ser utilizada na luta em prol de uma legitimação do valor artístico, cultural e literário

de um povo, e contra a manutenção do preconceito seja racial, social, de gênero ou editorial.

A escritora sofreu, literalmente, na pele, essas discriminações, conforme sua trajetória narrada na obra **Diário de Bitita**, bem como, os relatos que comprovam, a rejeição à sua escrita, pelo circuito literário da época, por não corresponder ao perfil e padrão estabelecidos dos grandes escritores, sendo sempre associada à função de catadora de papel, tendo seu reconhecimento como escritora negado.

Os diários de Carolina Maria de Jesus representam uma ruptura no encaminhamento da produção literária brasileira que, em tempos da ditadura, necessitava ser expressa cuidadosamente, pois não era interessante ou prudente, para a intelectualidade, um relato como o da autora.

Buscou-se, neste estudo, explorar algumas lacunas construídas sociologicamente ao redor da mulher negra, buscando compreender seu ativismo e sua potencialidade, no que tange a questões identitárias e das vozes, que por meio de escritas confessionais, buscam fortalecer, resistir e romper com parâmetros discriminatórios, incessantes, diretamente relacionados à sua condição. Para tal, destacou-se na obra memorialística e testemunhal, **Diário de Bitita**, os pontos relevantes que demonstram as percepções de mundo da personagem Bitita e da escritora Carolina Maria de Jesus.

Deste modo, as reflexões expostas na primeira seção trouxeram à baila o reconhecimento de quem foi Carolina Maria de Jesus, qual a sua fortuna crítica, que temáticas aparecem nas suas obras e que aproximações podem ser realizadas, entre seus escritos e a questão da identidade dos negros, principalmente relacionada ao feminismo. Tais considerações pretenderam evidenciar as circunstâncias ignóbeis com as quais a menina/mulher negra conviveu, tendo em vista as ideologias, sexista e racista, da época colonial perdurarem no pensamento coletivo na década de 1960, e, ainda hoje, de forma velada. Assim sendo, a trajetória ímpar da escritora foi destacada, neste trabalho, por seu caráter subjugado pelo poder masculino e pelas forças imperiosas do racismo.

Outrossim, constatou-se que a literatura de cunho confessional se apresenta como um território em que a mulher negra é capaz de tornar-se protagonista de seu discurso, acentuando sua individualidade e libertando-se dos estereótipos depreciativos que a literatura legitimada como regular tratou de disseminar ao longo dos séculos. Por meio da escrita intimista, Carolina Maria de Jesus teceu sua

linguagem original, declarou sua versão sobre variados fatos, deixando a periferia do imaginário social.

As discussões sobre a concepção do que seja literatura de testemunho, se é que há como defini-la sob uma única vertente, são relacionadas ao poder de persuasão de quem escreve uma narrativa ficcional, tornando-a real, mobilizando assim, os leitores à dúvida do que é legítimo e do que não é legítimo. No **Diário de Bitita**, verificou-se a presença do caráter testemunhal, muito mais focado na concepção da superstes, ou seja, alguém que testemunha fatos sobre sua própria existência, o que caracteriza um valor literário. Nesse sentido, pensa-se ser irrelevante caracterizar a qualidade literária da obra, uma análise sob essas perspectivas.

Outra concepção pautada nas investigações realizadas é de que se deve dissociar a concepção originária da literatura de testemunho, para o que se pressupõe na atualidade com esta definição. Ao contrário do que se definia, hoje o caráter literário testemunhal deve ser considerado como um gênero textual que aproxima sua escrita a um real individualizado ou coletivo.

Com isso, compreende-se que o **Diário de Bitita** demonstra, expressivamente, o desvelamento de sua vida como forma de narrar testemunhos que indicam a relevância, do uso da palavra como um mecanismo de libertação, demonstrando a sabedoria de quem reconhece e compreende as razões pelas quais os oprimidos soltam suas vozes, até então silenciadas.

Diante das evidências contidas na escrita de Carolina Maria de Jesus, quanto às questões de etnia, gênero, sexualidade, condição socioeconômica e tantas outras presentes na obra investigada, pode-se afirmar que sua literatura também faz parte da denominada literatura marginal/periférica. Por captar a realidade das minorias que vivem em um contexto marginalizado, sofrendo com as amarguras de quem, socialmente, foi destinado a ser subjugado; por contribuir com a representatividade das vozes sociais heterogêneas; por reconhecer a alteridade presente no cenário social, cultural e literário que, infelizmente, ainda se constituem de espaços destinados a poucos privilegiados.

Em suma, a escrita de Carolina Maria de Jesus, em **Diário de Bitita**, não apenas evidenciou um testemunho traumático das mazelas sociais perpetuadas no transcorrer do tempo, mas também deixou claro sua reivindicação e criticidade

quanto à marginalidade relegada às mulheres e aos negros, mas quando afirma: “Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal” (JESUS, 1986, p. 198).

Não se tem a intenção de esgotar, nestas páginas, toda a complexidade que a escrita feminina negra impõe à crítica literária, no que relaciona a análises e fornecimento de elementos que legitimem a arte de tais protagonistas. Propõe-se, reflexões que são emergenciais sobre o papel dessas vozes sociais, que se fortalecem, cada vez mais, no campo literário brasileiro, exigindo serem ouvidas, lidas e interpretadas. Essas considerações finais não pretendem concluir, mas preservar em aberto os desafios perduráveis frente a discussões sobre escritoras negras, como Carolina Maria de Jesus, e toda bagagem histórica, cultural, política e literária que suas memórias e obras encerram.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. 2015. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

BALBINO, Jéssica. **Pelas margens**: vozes femininas na literatura periférica. 2016. 358 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRUM, Eliane. **Desafio ao malandro**. 2007. Entrevista de João Cezar de Castro Rocha à revista Época. Disponível em: <<https://goo.gl/w9ywBH>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra** – quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 2000. 384 p.

COOPERIFA. **Cooperifa**. 2017. Disponível em: <http://cooperifa.com.br/?page_id=9>. Acesso em: 17 maio 2018.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 112 p.

DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Horizonte, 2008. 168 p.

_____. (Universidade de Brasília, Brasil). Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. In Besse, Maria Graciete; Tonus,

José Leonardo; Dalcastagnè, Regina (Coords.). **La littérature brésilienne contemporaine Iberic@I. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, 2012 no. 2 p. 13-18. Disponível em <<http://www.red-redial.net/pt/referencia-bibliografica-63778.html>> Acesso em: 3 jun. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Cap. 3. p. 33-54. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Editora UFMG, 2008.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, p. 52-57, 2005.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 402 p.

FERRÉZ. **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2005. 132 p.

_____. **Saida da Caros Amigos**. 2010. Blog Ferréz Escritor. Disponível em: <<http://blog.ferrezescritor.com.br/2010/09/saida-da-caros-amigos.html>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

GUSDORF, Georges. Condiciones y limites de la autobiografía. **Suplementos Anthropos** – la autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **As fronteiras móveis da literatura**. 2011. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/as-fronteiras-moveis-da-literatura/>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria** – diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1961. 185 p.

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 205 p.

_____. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Onde estaes felicidade?** São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

_____. **Pedaços da fome.** São Paulo: Aquila Ltda., 1963. 217 p.

_____. **Provérbios.** São Paulo: S.n., 1963. 61 p.

_____. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Unesp, 2018. 174 p.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Juliana Domingos de. **Conceição Evaristo:** “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. 2017. Entrevista concedida ao Jornal Nexo. Disponível em: <<https://goo.gl/yxg4Pz>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

LONGO, Ivan. **Chega ao fim a edição impressa da histórica Caros Amigos.** 2017. Revista Forum. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/chega-ao-fim-edicao-impressa-da-historica-caros-amigos/>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

LOPES, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus:** uma análise do seu Quarto de despejo. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/carolina-maria-jesus/CarolinaMariadeJesusCr04Elisangela.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2017.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 237 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra:** a saga de Carolina Maria de Jesus. 2. ed. Sacramento: Bertolucci, 2015. 280 p.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus:** experiência marginal e construção estética. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. "**Literatura marginal**": os escritores da periferia entram em cena. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003. Cap. 11. p. 297-350.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 5, p.200-215, dez. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

PUREZA, Fernando Cauduro. Representações da fome: carestia e racialização na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s.l.], n. 66, p.52-68, 1 abr. 2017. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i66p52-68>> Acesso em: 5 jun. 2018.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p.35-42, jun. 1998. Quadrimestral. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SALGUEIRO, Wilberth (Org.). **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras Violências**. Vitória: Edufes, 2011. 244 p.

SANTOS, Marcela Ernesto dos. **Mulher e negra: as memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

_____. **RESISTINDO À TEMPESTADE: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou**. 2014. 143 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Zeugnis e Testimonio: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. **Letras**, Santa Maria, v. 22, n. 1, p.121-130, jun. 2001. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/643/showToc>>. Acesso em: 2 maio 2018.

_____. O testemunho: entre a ficção e o "real". In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003. Cap. 13. p. 371-385.

_____. **Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes**. 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2255/1348>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. 2008. ISSN 0103-5665. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>>. Acesso em: 12 maio 2018.

_____. O local do testemunho. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.3-20, fev. 2010. Quadrimestral. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180310232018>. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/issue/view/223/showToc>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SILVA, Rociclei da. **Conheça um pouco da poetisa Elizandra Souza**. 2012. Blog Polifonia Periférica. Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2012/10/27/entrevista-conheca-um-pouco-da-poetisa-elizandra-souza/>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Belo Horizonte: Horizonte, 2012. 208 p.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.